

EXPOSIÇÃO

# SULEAR SP

A hora e a vez do Sul global.

DE 06 DE ABRIL A 05 MAIO

INAUGURAÇÃO: 6 DE ABRIL 16H

Homenagem a Mário Schenberg  
• Aguilar • Banda Performática

APOIO

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

MINISTÉRIO DA CULTURA



REALIZAÇÃO

ZAGUT

# ZAGUT

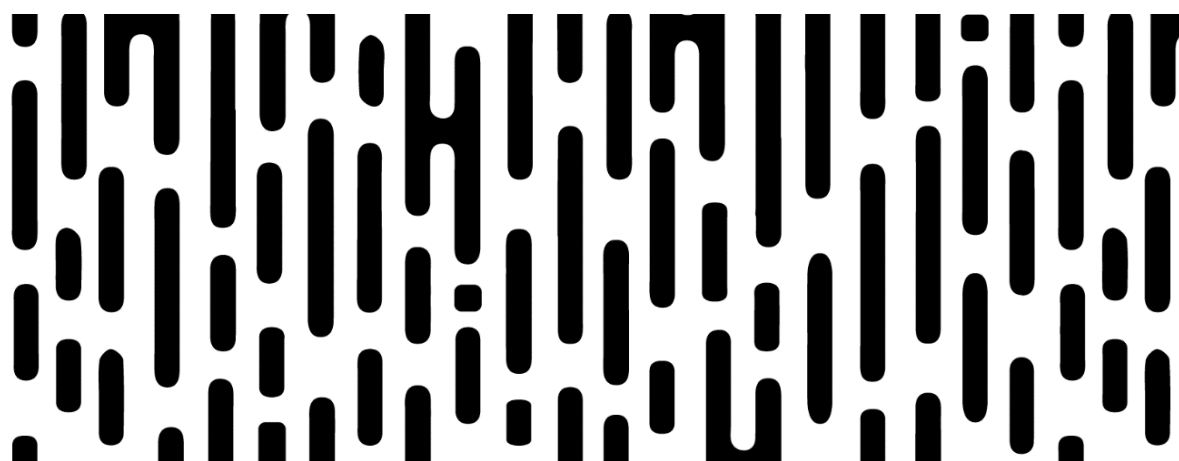
Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira e Marcio d’Olne Campos

Imagem da capa: Theo Gomes

Arquitetura da montagem: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff



## SULEAR

Em uma época em que guerras vêm assombrando a humanidade, a exposição “Sulear” tem como objetivo levantar bandeiras a partir de uma perspectiva inédita, dos povos “do Sul”, se contrapondo à forma colonial de visão de mundo, tanto em prol da preservação ambiental e mudanças climáticas, quanto a temas caros à contemporaneidade.

O querido brasileiro Marcio D’Oliveira Campos que também escreve neste catálogo, contrapõe “sulear” a “nortear”, e o neologismo foi usado por Paulo Freire.

A primeira vez que a Zagut apresentou uma exposição com esse tema foi no Rio de Janeiro, no pátio do Centro Cultural Correios, concomitante à COP28, encontro anual das Nações Unidas em torno do clima, uma esperança para que avanços substanciais ocorram com a reunião de líderes mundiais, após passados incríveis 31 anos da pioneira ECO92, ocorrida em terras cariocas, e mais de 5 décadas da instituição pela ONU do Dia Mundial do Meio Ambiente. O objetivo é que até 2050 se consiga a emissão “zero de carbono”, de forma a garantir a sobrevivência da espécie humana, entre outras, em seu planeta.

A exposição faz agora sua itinerância em São Paulo, no Complexo Cultural da Funarte, na galeria Mario Schenberg, homenageado nesta exposição. As obras também poderão ser vistas por meio de um catálogo de arte, em formato de livro, em plataforma editorial e em galeria virtual.

Mario, esse pernambucano judeu e deputado comunista (criador do projeto da FAPESP, perseguido e cassado em 48 e reeleito em 62 mas sendo considerado comunista não conseguiu ser empossado), conseguiu ser ao mesmo tempo um dos mais importantes físicos do país, seja no Brasil na USP (preso em 64 no DOPS, aposentado pelo AI5, mas retornando em 1979), seja no exterior nos EUA e na Europa, e ter importantes publicações na física e nas artes visuais (sobre Lygia Clark, Hélio, Volpi), além de ser amigo de inúmeros artistas no país e no exterior. Sua criatividade, persistência e interdisciplinaridade são exemplos para a Zagut. Além dele, a exposição também homenageia o querido multiartista José Roberto Aguilar e sua criativa Orquestra/Banda Performática, outro importante exemplo de inovação, trajetória politizada e contínua renovação. Começa a sua vida artística no grupo Kaos adolescente, é premiado na Bienal de São Paulo também muito jovem, faz incursões pioneiras na *action painting*, na videoarte, na nova figuração, na performance, no diálogo com a literatura e a mitologia. Também tem importante atuação na gestão da cultura, seja na Casa das Rosas, seja como representante do Ministério. Sua trajetória na espiritualidade e junto à natureza de Alter do Chão deixaram as profundas marcas que se percebem na visita ao sensacional ateliê com uma produção frenética em todas as escalas.

Voltando ao tema da exposição, a arte feita por artistas latino-americanos reflete a vivência de povos que têm enorme sabedoria, mas que em geral não são considerados centrais nas reflexões mundiais. Em especial em relação à ecologia, essas nações têm uma perspectiva bastante interessante quando comparada aos países considerados centrais do Norte.

Quando Torres Garcia realizou em 1943 o desenho “América Invertida”, de forma a explicitar o que escrevera em 1935, a “Escuela del Sur”, simbolizou a importância da América Latina se conscientizar de forma a que o posicionamento norte-cêntrico não seja o seu guia, construindo suas próprias perspectivas, incluindo a sabedoria dos povos originários e a revisão de princípios normalizados pela colonização europeia (decolonização), ampliando a visão de mundo para uma maior aceitação de diferenças e fortalecendo a democracia.

O grande artista uruguaio também é um modelo para a Zagut, através da criação de coletivos de artistas que partilham o amor pela arte, sérias pesquisas em seus trabalhos e alguns posicionamentos comuns, como ocorreu nos grupos que criou “Cercle et Carré”, enquanto morava em Paris e no Ateliê Torres García/ “Escuela del Sur”, ao voltar para Montevidéu, após 40 anos no exterior.

O Relatório Síntese do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) foi divulgado em março deste ano. Coloca claro o maior impacto da crise ambiental em países com menor poder de riqueza, por déficit de estruturas para planos e prevenção. Vale ressaltar que ao longo do tempo foram os países mais ricos que emitiram a maior parte das emissões de carbono.

A COP28 que ocorreu em Dubai, representa importante esperança para que se haja união para organizar financiamentos para países mais pobres, de forma a que o mundo consiga efetivamente avançar no assunto, crucial para a sobrevivência da humanidade.

O Brasil, apesar de atrasos ocorridos nos últimos anos, tem inúmeras práticas inovadoras em relação ao meio ambiente. Sua população originária tem conhecimento profundo em relação ao convívio pacífico com a natureza, que pode e deve ser mais bem aproveitado. Há um posicionamento político de forma a que a questão seja gerenciada prioritariamente, com ambiciosos indicadores.

A Zagut vem sistematicamente propondo aos artistas do coletivo temas que abordem a questão da ecologia e do meio ambiente, assuntos já comuns entre artistas, assim como outros de importância para o mundo contemporâneo, como desigualdades, cultura brasileira etc. É uma forma de ativar a reflexão de cada um que participe como artista e como fruidor da exposição, tocando em nosso íntimo, de forma a nos comprometer, fazendo com que mudanças ocorram, possibilitando o futuro.

*Y el cielo como bandera*  
*Y el cielo como bandera*  
*Sou louco por ti América Caetano Veloso*

Carlos Vinicius da Silva Taveira

Mestre em história da Arte. Doutora em Literatura, cultura e contemporaneidade.  
**Sulear.**

Os versos que servem de epígrafe para esse texto ficaram famosos na voz de Caetano Velloso em seu primeiro disco compacto de 1967. A letra foi escrita em parceria com Gilberto Gil, Torquato Neto e o poeta Capinam e mostra inúmeras referências da América Latina, inclusive em seu ritmo, pois o andamento musical emula danças como a rumba caribenha e até mesmo alguns compassos do tango argentino. A ideia por trás da música era colocar em primeiro plano a identidade fragmentada e única dos latino-americanos demonstrando suas características de maneira positiva e singular.

A história da América Latina contém momentos dramáticos, mas também da mais pura beleza. Nas artes há personagens e obras que impactaram todo o mundo. Na cultura existe uma diversidade e miscigenação resultante da combinação de diversos povos e etnias. Porém, o continente é fruto de um processo colonizador violento e predatório que deixou marcas profundas na desigualdade social contemporânea.

A exposição Sulear organizada pela Galeria Zagut em conjunto com o Centro Cultural dos Correios propõe repensar as percepções do mundo via possíveis perspectivas oriundas do eixo proveniente do Sul global, onde o Brasil se encontra. É o momento de explorar narrativas e estéticas que revertam, ou reorganizem nossos afetos vitais.

Neste caso, "sulear" é questionar noções errôneas de poder cristalizadas de um "norte global desenvolvido" em contraposição a um hemisfério sul considerado "atrasado". É criar estratégias que permitam apropriar a existência sob outras conexões vitais. É assumir a autonomia na criação dos próprios sentidos e significados culturais.

Criar novas cartografias é apresentar e riscar linhas na autorrepresentação realizada sobre nós mesmos. É imaginar novas coordenadas capazes de servir de orientação. Em 2022 a maior exposição de arte contemporânea do circuito mundial, a Documenta de Kassel na Alemanha, trouxe pela primeira vez na história um coletivo na curadoria advindo do Sul global da Indonésia tendo como resultado uma maior pluralidade de artistas na mostra.

Seguindo essa tendência, a mostra "Sulear" abre as portas investigando, criando, e experienciando novas imaginações artísticas. É a hora e o momento do sul global mostrar do que é composto e das artes criar potências e transformações.

Bibliografia

GALEANO, Eduardo H., **As veias abertas da América Latina**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 307 p. ((Estudos latino-americanos; 12).

# SULear e decolonialidade: a partir do, pelo e para o Hemisfério Sul

Marcio D’Oliveira Campos

Quando o português chegou  
Debaixo duma bruta chuva  
Vestiu o índio  
Que pena!  
Fosse uma manhã de sol  
O índio tinha despido  
O português

Oswald de Andrade (1927)

Sulear, termo ausente dos dicionários de português, é uma reação contra a exclusividade de sua antinomia, Nortear.

Apenas Nortear consta dos dicionários brasileiros e ainda impera no próprio Hemisfério Sul, onde o termo Sulear<sup>1</sup>, a ser detalhado mais adiante, é que deveria ter papel predominante.

Embora ambos, Sulear e Nortear, compartilhem uma origem geográfica comum relativa à orientação no espaço, existem outros aspectos denotativos e conotativos como o ideológico e o geopolítico, que explicitam relações de poder e de dominação.

Parafraseando alguns de “nossos” dicionários, o verbete Nortear chega a sugerir coisas desse tipo:

Nortear:  
Orientar; ser levado ou guiar-se numa determinada direção intelectual, moral, ética, religiosa etc.

## ❖ Colonialismo, colonialidade e decolonialidade

O colonialismo europeu ocupou as Américas e a Austrália até o século XVII assim como a maior parte de África até ao início do século XIX. Contudo, foi somente em 1975 que a última colônia africana, o Saara Ocidental, tornou-se independente da colonização espanhola.

Em tempos atuais, apesar do fim histórico da colonização, surgiram novas formas de dominação – por vezes veladas – pelas quais a dependência adquire diversos modos de dominar entre países ou conjunto de países. Algumas dessas formas denominam-se: neocolonialismo, globalização, embargo econômico, eurocentrismo, epistemicídio.

---

<sup>1</sup> Verbetes Sulear e Surear na Wikipedia em português e espanhol foram elaborados pelo linguista e professor de espanhol Antônio Carlos Silva Júnior do Colégio de Aplicação (CODAP) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A colonização, apesar de historicamente não mais existir, deixou rastros do sofrimento de pessoas, grupos e nações impregnados nas representações individuais e coletivas dos tempos, temporalidades e sentipensares<sup>2,3</sup> coloniais. É como se ela se fizesse presente nos corpos colonizados como “uma amargura arraigada aqui no peito”. Esse sofrimento perene, é hoje denominado colonialidade e, por oposição, a luta contra esse rastro é denominada decolonialidade. Luta essa que pela decolonialidade se estende contra as novas e diversas formas de dominação do presente. Entre os detentores dessas lutas encontra-se um coletivo de engajados intelectuais latino-americanos, o “Grupo modernidad/colonialidad”<sup>4</sup>.

### ❖ **Epistemologias do Sul**

Por outro lado e em Portugal, a equipe criada pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos no ‘Centro de Estudos Sociais’ (CES) na Universidade de Coimbra<sup>5</sup>, se dedica, entre diversos temas decoloniais, ao trabalho sobre as “Epistemologias do Sul” que, segundo Santos numa entrevista<sup>6</sup>,

“são uma proposta epistemológica que pretende identificar, validar os conhecimentos nascidos nas lutas, nas lutas sociais contra a opressão que, na época moderna, foram fundamentalmente produzidas por três formas de dominação: o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. São epistemologias porque procuram validar conhecimentos, conhecimentos outros, que não aqueles que estão validados pelas epistemologias do Norte. Desde o século XVII, as epistemologias do Norte têm vindo a construir a ideia de que o único saber científico é a ciência.”

(...)

“No entanto, a partir de certa altura, dei-me conta de que essa crítica interna não chegava. Era preciso fazer uma crítica externa, na medida em que era preciso reconhecer a existência de outros conhecimentos não científicos, que poderiam eventualmente dialogar com a ciência, e que tinham os seus próprios critérios de validade. Conhecimentos muitas vezes orais, colectivos, anónimos, das comunidades, os saberes a que também chamamos sabedoria. As epistemologias do Sul nascem dessa necessidade de criticar o monopólio epistemológico da ciência como conhecimento rigoroso. Nada disto é contra a ciência, a ciência é um conhecimento válido, que procura ser rigoroso, mas não é o único conhecimento válido. E a ciência contribui tanto mais para o progresso das sociedades quanto mais reconhecer que há outros conhecimentos ao lado da ciência, com outros critérios de validade e outras concepções de vida, de felicidade, da natureza, outras relações entre o indivíduo e a comunidade, modos de conhecimentos para quem a comunidade está primeiro que o indivíduo e não o indivíduo primeiro que a comunidade ou a sociedade, que não concebem a natureza como algo inerte e separado da vida humana para os quais a natureza não nos pertence nós é que pertencemos à natureza, conhecimentos que devem ser valorizados e eventualmente podem inclusivamente entrar em diálogo com a ciência, os diálogos a que eu chamo ecologia de saberes (ver, por ultimo, O Fim do Império Cognitivo, publicado pela Autêntica 2019), ...”

### ❖ **Norte e Sul como categorias geográficas ou políticas e culturais?**

Las barras y las estrellas se adueñan de mi bandera

<sup>2</sup> Sentipensar é a expressão de um camponês colombiano captada pelo educador Orlando Fals Borda. Ver “Orlando Fals Borda Concepto Sentipensante” em <<https://www.youtube.com/watch?v=mGAy6Pw4qAw&t=201s>>

<sup>3</sup> O antropólogo colombiano Arturo Escobar reflete bastante sobre sentipensar como no artigo: ESCOBAR, Arturo. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur, **Revista de Antropología Iberoamericana**, v11, n.1, p. 11-32, Enero - Abril 2016: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5647073.pdf>>.

<sup>4</sup> <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo\\_modernidad/colonialidad](https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupo_modernidad/colonialidad)>

<sup>5</sup> <<https://www.ces.uc.pt/pt/ces>>

<sup>6</sup> Epistemologias do Sul - Entrevista com Boaventura de Sousa Santos por Cleyton Andrade, Boletim DOBRADIÇA, N° 2, São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 28 out. 2020. <<https://www.ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>>

Y nuestra libertad no es otra cosa que una ramera  
Y si la deuda externa nos robó la primavera  
Al diablo la geografía, se acabaron las fronteras

Si el Norte fuera el Sur sería la misma porquería  
Yo cantaría un rap y esta canción no existiría  
Ricardo Arjona<sup>7</sup>

“Las palabras “Norte” y “Sur” no son únicamente  
categorías geográficas, son también y principalmente  
categorías culturales y políticas ...”

Arturo Andrés Roig<sup>8</sup> (2002)

Boaventura de Souza Santos prossegue na mesma entrevista<sup>6</sup> considerando um Sul geográfico que ele considera dominado pelas epistemologias do Norte incluindo-se o eurocentrismo e um Sul epistêmico nascido nas lutas emancipatórias e revolucionárias:

“Chamam-se epistemologias do Sul porque o sul não é um sul geográfico, o sul geográfico é tão dominado pelas epistemologias do norte quanto o Norte e, por vezes, mais. Basta analisar o que se ensina e aprende nas universidades de matriz eurocentrica. O Sul para mim é epistêmico, é exactamente o conjunto dos conhecimentos nascidos na luta, nas lutas anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais, lutas das mulheres, dos povos quilombolas, dos povos indígenas, dos povos colonizados, dos trabalhadores, que ao lutarem sempre usaram e produziram conhecimentos e esses conhecimentos nunca foram reconhecidos como tal. Portanto, é uma tentativa de captar esse processo de conhecimento que nasce na própria luta e no viver na luta contra a opressão.”

Por um ponto de vista presente nas ciências da sociedade dita de “tradição científica”, a epistemologia se refere a um estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados próprios de diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica (não psicológica), seu valor e seu alcance objetivo. A epistemologia difere da ‘teoria do conhecimento’, pois estuda a produção do conhecimento contextualizada, não só na diversidade das ciências instituídas, mas também como nas diferentes formas extra-acadêmicas – como as populares e indígenas – de construção do conhecimento<sup>9</sup>. Todos esses impulsos e atos de conhecer, dirigimos à nossa vizinhança com seus desafios para que enquanto problema, enfrentemos criando respostas sempre provisórias e recorrentemente a cada enfrentamento do ‘obstáculo epistemológico’ ou ‘inédito viável’<sup>10</sup> que o mundo nos desafia a enfrentar.

Vemos, portanto que, dependendo do grupo sociocultural e de seus indivíduos, quem é desafiado a construir saberes e a produzir intelectualmente, materialmente ou artisticamente, em consequência, elabora distintas formas de inscrições no mundo com textos, artefatos, pinturas rupestres etc. Cada um desses grupos identificados socioculturalmente, pode compreender uma epistemologia a ser estudada através da sua episteme: conjunto de saberes regulados (concepção de mundo, ciências, filosofias,

<sup>7</sup> Ricardo Arjona, “Si el Norte fuera el Sur” (música e letra) < <https://www.letras.mus.br/arjona-ricardo/2160/>>

<sup>8</sup> ROIG, Arturo Andrés. Pensar la mundialización desde el sur. Huellas: búsquedas en artes y diseño, n.2, p.15-20, 2002. <[https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos\\_digitales/1271/roighuellas2.pdf](https://bdigital.uncuyo.edu.ar/objetos_digitales/1271/roighuellas2.pdf)>.

<sup>9</sup> Ver LALANDE, André, Vocabulaire Technique et Critique de la Philosophie, 7<sup>ème</sup> éd., Paris : PUF, 1956, p. 293

<sup>10</sup> ‘Obstáculo epistemológico’ e ‘inédito viável’ são, respectivamente termos que compartilham certas analogias, discutidos pelo filósofo francês Gaston Bachelard (A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento) e por Paulo Freire (Pedagogia do Oprimido). Ver também CAMPOS, Marcio D’Oliveira. Paulo Freire entre a Boniteza do Ato de Amar e a Boniteza do Ato de Educar (p. 199-235). In FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). A palavra boniteza na leitura do Mundo de Paulo Freire, São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 212-226



saberes e fazeres etc.) específicos de um grupo social, de uma época ou mesmo de uma área geográfica com características que a identifiquem.

## **Por que passar a SULear-se no Hemisfério Sul contrariando o NORTEar, inútil para o Sul?**<sup>11</sup>

O termo SULear foi criado em 1991 pelo presente autor – doutor em física e antropólogo autodidata<sup>12</sup> - que tem desenvolvido discussões em diversas publicações no site SULear, assim como em vídeos disponíveis na Internet<sup>13</sup>. Um ano depois, Paulo Freire (1992) utilizou SULear em seu livro *A pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Para isso, Paulo pediu que eu redigisse a nota 15 na página 218. Esta que foi editada Ana Maria “Nita” Araújo Freire para esclarecer o termo Sulear mencionado na página 24 do corpo do livro<sup>14</sup>.

SULear problematiza e contrapõe o caráter ideológico do termo NORTEar (Norte: acima, superior; Sul: abaixo, inferior), dando visibilidade à perspectiva do Sul para contrariar a lógica dominante do eurocentrismo a partir da qual o Norte apresenta-se para os dois Hemisférios como uma referência pretensamente universal.<sup>26</sup>



Fora os importantes aspectos geopolíticos envolvidos, a preocupação iniciou-se em reação a maneira como se trata a orientação espacial e os pontos cardeais no Brasil desde os primeiros anos do ensino fundamental. A regra importada do Norte para ensinar os pontos cardeais é impregnada pelo fato de que naquele Hemisfério a orientação noturna se baseia na estrela Polar, a qual nunca pode ser vista no Hemisfério Sul.

Apontar o Sol nascente com a mão direita, nos coloca de frente para o Norte e assim, a noite, o Cruzeiro do Sul estará visível atrás de nós. E como se essa regra escorresse do Norte e nós inadvertidamente a engolíssemos sem conferir. É incrível e inadmissível que isso seja publicado e recomendado em livros didáticos além de em orientações didáticas de apoio na internet.

Revisando! Por tudo isso seria instrutivo e contextualizado se contrariássemos e regra prática apenas do Norte e aqui no Sul, apontássemos a mão esquerda para o Sol logo após o seu nascer. Assim o Oeste ficaria a nossa direita e, a nossa frente no sentido sul, agora sim poderemos visar o Cruzeiro do Sul! Esse diuturno esquema prático corporal nos permitirá SULear a noite, sabendo que a nossa esquerda, no dia seguinte, o Sol nascerá.

É revoltante que uma simples regra prática utilizável no Norte seja assumida aqui no Sul como se fosse uma teoria globalizante quando, de fato, esta é uma regra inapropriada a ponto colocar de costas para o Cruzeiro do Sul até mesmo ao sugerir observações noturnas dessa constelação.

Descasos dessa ordem sobre o contexto no qual nos situamos para observar permeiam

<sup>11</sup> D'OLNE CAMPOS, M. Por que SULear? Marcas do Norte sobre o Sul, da escola à geopolítica' In: CAMPOS, M. D. (org.). Dossiê Sulear, Revista Interdisciplinar Sulear, ano 2, n. 2, p. 10-35. 2019. Belo Horizonte: Editora da UEMG, 2019. p. 180. <<http://sulear.com.br/beta3/wp-content/uploads/2020/01/Dossie-Sulear-SURear.pdf>>.

<sup>12</sup> Ver Currículo Lattes em <<http://lattes.cnpq.br/3238046640943002>>.

<sup>13</sup> Ver as publicações no site no site SULear <<https://sulear.com.br/beta3/publicacoes/>> e discussões e entrevistas várias no canal Youtube: <[https://www.youtube.com/@SULear\\_decolonial](https://www.youtube.com/@SULear_decolonial)>.

<sup>14</sup> Ver o texto “Paulo Freire adere ao SULear” em <<https://sulear.com.br/beta3/curtas/>> e fac-símiles de extratos desses trechos referidos no exemplar de ‘Pedagogia do Oprimido’ (1992) a mim dedicado por Nita e Paulo Freire em <[https://www.sulear.com.br/textos/p\\_freire\\_sulear.pdf](https://www.sulear.com.br/textos/p_freire_sulear.pdf)>.

nossos livros didáticos, assim como a internet<sup>15</sup>.

Pelas considerações acima sobre a necessidade de uma radical revisão ensino fundamental no Hemisfério Sul — ou pelo menos no Brasil — trazemos aqui uma homenagem a Joaquín Torres García, artista plástico e intelectual com marcada preocupação e ação pelas causas sociais na sua 'A Escola do Sul' (*La Escuela del Sur*) que já em 1935, era um crítico perspicaz das marcas do Norte sobre o Sul. Associado ao seu famoso mapa invertido da América do Sul ele produziu um texto contendo esta importante ressalva:

Uma importante escola de arte teve que ser criada aqui em nosso país. Digo sem nenhuma hesitação: aqui em nosso país. E tenho mil razões para afirmá-lo.  
Disse Escola do Sul, porque em realidade, nosso Norte é o Sul. Não deve haver norte, para nós, a não ser por oposição ao nosso Sul.  
Por isso, agora colocamos o mapa ao inverso e então temos justa ideia da nossa posição, e não como querem no resto do mundo. A ponta da América, desde já, prolongando-se, assinala insistentemente o Sul, nosso Norte. Iguamente a nossa bússola: inclina-se imperdoavelmente sempre para o Sul, para o nosso polo.  
Os navios, quando partem daqui, descem, não sobem como antes, a fim de partirem para o norte. Porque o Norte agora está abaixo. O nascente, posicionando-nos de frente para o nosso sul, está à nossa esquerda.  
Esta retificação era necessária; por isso agora nós sabemos onde estamos.<sup>16</sup>

Mario Benedetti (1920-2009), intelectual uruguaio com uma diversificada e magistral produção literária, sempre nos deu e sempre dará motes para reflexões e posturas SULeadas. No Quadro a seguir, seu poema "El Sur También Existe" (1986) ilustra as oposições hemisféricas Norte/Sul e cardiais norte/sul. Note-se que o texto foi propositalmente disposto sob uma ordem cartograficamente NORTEada, a fim de respeitar a magistral ironia de Benedetti. Esta poesia também mereceu ser musicada e cantada pelo catalão Juan Manuel Serrat<sup>17</sup> do qual segue seu belo introito por minha tradução livre que fazia parte de um vídeo aparentemente agora inexistente na Internet:

"Nem sempre o Norte e o Sul coincidem com o norte e o sul geográficos, com os pontos cardiais.  
É que sempre cada norte tem um sul e cada sul tem um norte  
Eu digo que o Norte é o poder e que o Sul é tudo aquilo que luta contra a injustiça.  
E digo que o Norte é o dinheiro e o Sul a fome.  
Que o Norte é o passado e o Sul o porvir.  
Que o Norte é o medo e o Sul é a esperança.  
Que o Norte é a força, o Sul a astúcia.  
Eu digo que o Norte é a pressa e o sul a paciência.

---

<sup>15</sup> Um desses absurdos está num site de apoio didático com a desfaçatez de se denominar "Cola da Web" para desorientar estudantes na seção "Orientação pelo Cruzeiro do Sul". Um desenho mostra uma menina olhando no sentido norte e a constelação do Cruzeiro do Sul aparece atrás dela. Ainda mais absurdo é que, para no Sul, se sujeitar à regra do Norte, o desenho mostra uma linha pontilhada que sai da parte traseira da cabeça na menina – onde não tem olho! – e atinge a constelação do SUL. Portanto, a menina obedece cega e literalmente, à regra do Norte, e apenas imagina a constelação típica do Hemisfério Sul em sua retaguarda e na direção da linha pontilhada. <<https://www.coladaweb.com/geografia/meios-orientacao-localizacao>>.

<sup>16</sup> TORRES GARCÍA, Joaquín. *Universalismo Constructivo*. Buenos Aires: Ed. Poseidón, 1941.

<sup>17</sup> <[https://www.youtube.com/watch?v=SbFtygyt\\_F0](https://www.youtube.com/watch?v=SbFtygyt_F0)>

## El Sur También Existe

Mario Benedetti

Con su ritual de acero,  
sus grandes chimeneas,  
sus sabios clandestinos,  
su canto de sirenas,  
sus cielos de neón,  
sus ventas navideñas,  
su culto de dios padre  
y de las charreteras,  
con sus llaves del reino,  
el norte es el que ordena.

pero aquí abajo, abajo,  
el hambre disponible,  
recurre al fruto amargo  
de lo que otros deciden,  
mientras el tiempo pasa  
y pasan los desfiles,  
y se hacen otras cosas  
que el norte no prohíbe,  
con su esperanza dura,  
el sur, el sur también existe

con sus predicadores,  
sus gases que envenenan,  
su escuela de chicago,  
sus dueños de la tierra,  
con sus trapos de lujo  
y su pobre osamenta,  
sus defensas gastadas,  
sus gastos de defensa,  
con su gesta invasora,  
el norte es el que ordena.

pero aquí abajo, abajo,  
cada uno en su escondite,  
hay hombres y mujeres  
que saben a qué asirse,  
aprovechando el sol  
y también los eclipses,  
apartando lo inútil  
y usando lo que sirve,  
con su fe veterana,  
el sur también existe.

con su corno francés  
y su academia sueca,  
su salsa americana  
y sus llaves inglesas,  
con todos sus misiles  
y sus enciclopedias,  
su guerra de galaxias  
y su saña opulenta,  
con todos sus laureles,  
el norte es el que ordena.

pero aquí abajo, abajo,  
cerca de las raíces,  
es donde la memoria  
ningún recuerdo omite,  
y hay quienes se desmueren  
y hay quienes se desviven,  
y así entre todos logran  
lo que era un imposible,  
que todo el mundo sepa,  
que el sur también existe

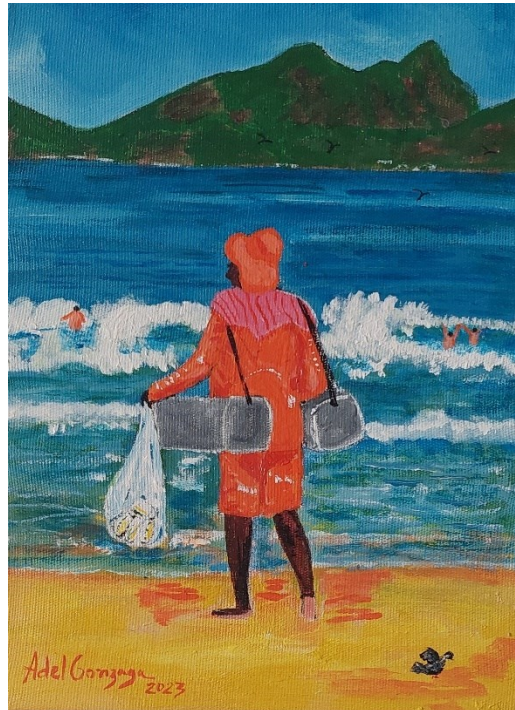
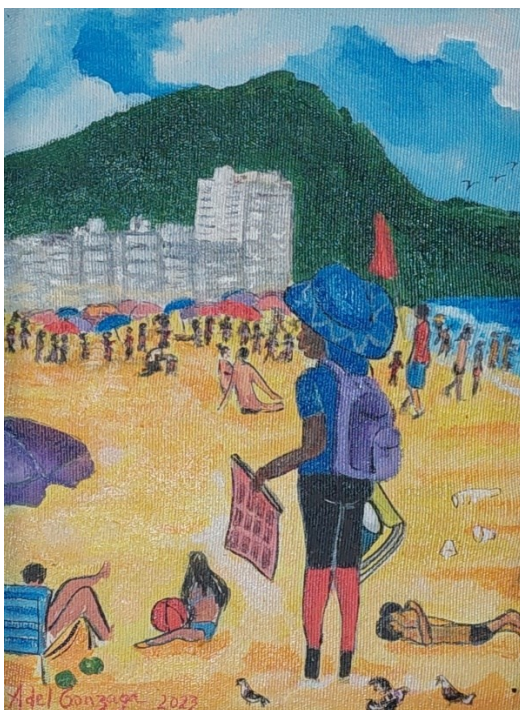
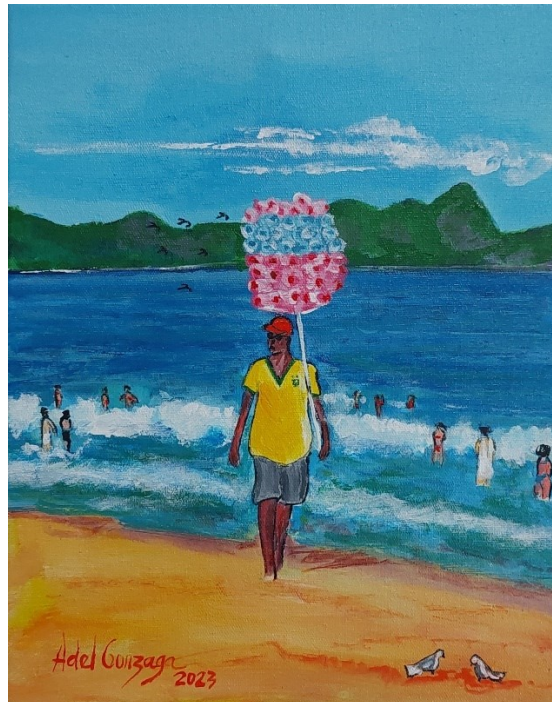
Desse modo, poeticamente terminamos — sempre provisoriamente —, propondo...

### **...SULear como uma forma de resistência...**

a um ensino NORTEado para resistirmos ao eurocentrismo e à colonialidade em geral, defendendo e lutando por uma leitura do mundo e uma educação apoiada pelas artes para que não se reduza apenas a ensinar o mundo, mas, sobretudo, ...

**... a educar para ler os mundos de forma SULeada e decolonial.**

Adel Gonzaga



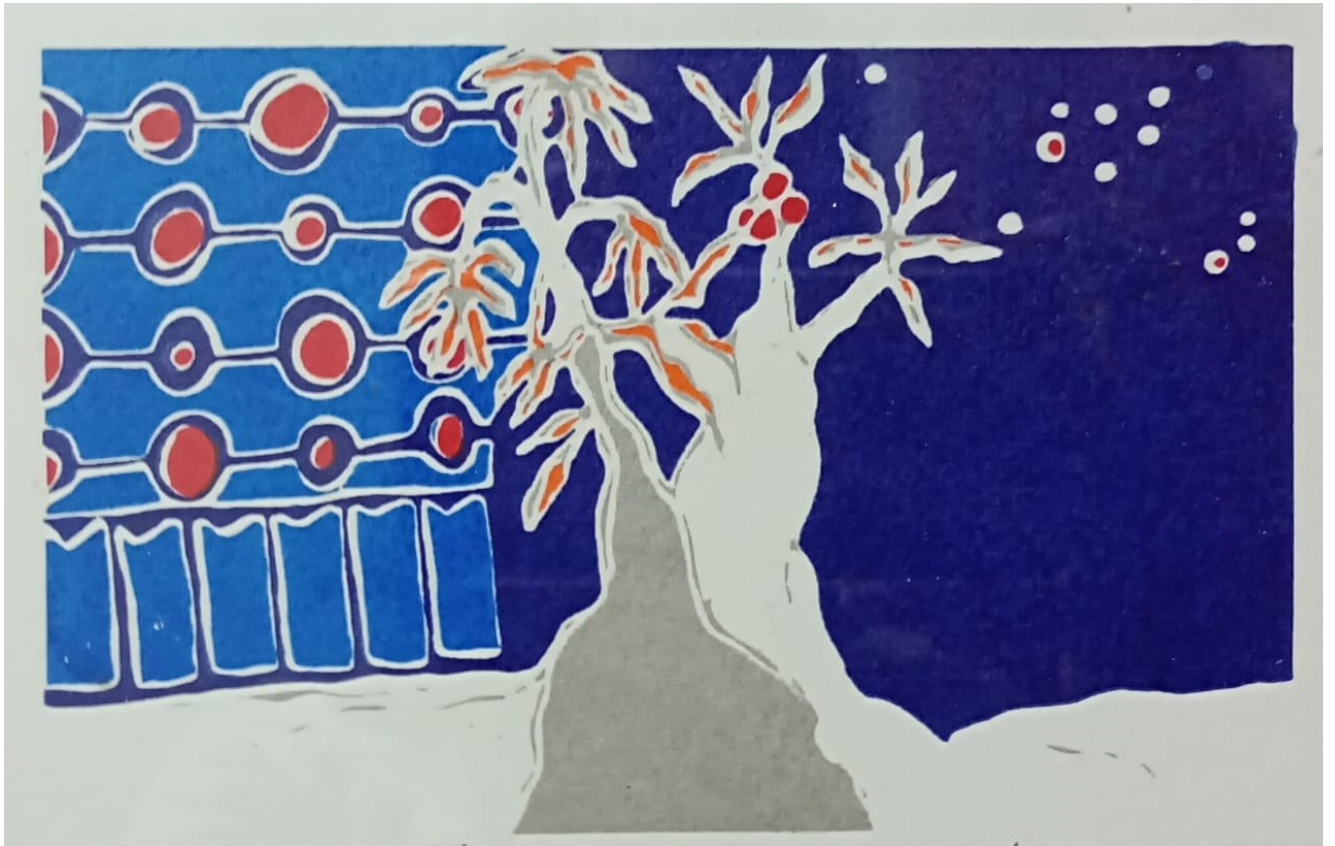
Vendedor de Picolé; Vendedor de Algodão Doce; Vendedora de Cabelos; Vendedor de Mate; acrílica s/ tela; 24 x 18 cm cada; 2023

Adriana Montenegro



Sem título; fotografia, impressão fine art; tiragem 5; 33,87 x 50,8; 2022/24

Adrienne Schreiner



Cobogós; serigrafia (5 cores); 15 x 21 cm; tiragem: 1/10; 2016

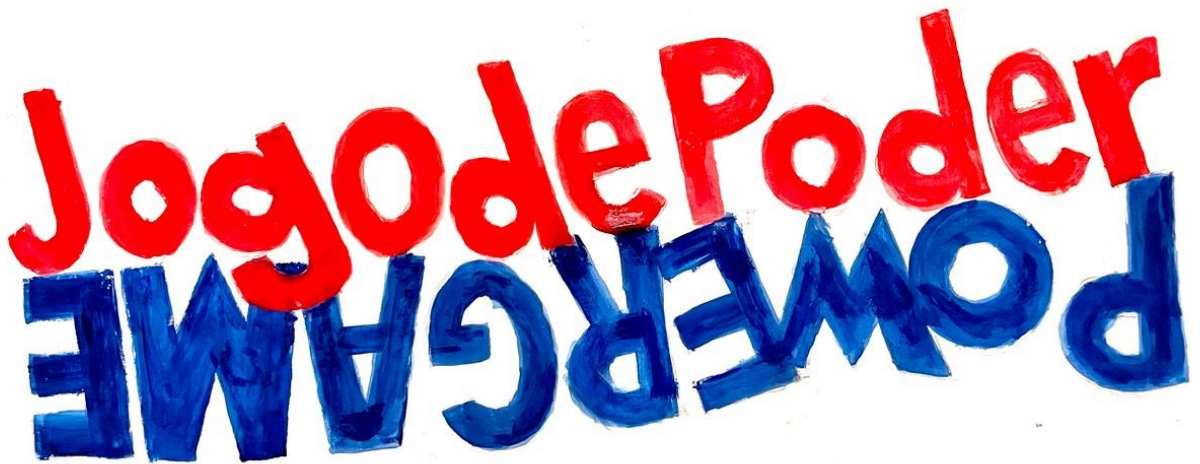
Agni Shakti



A última Ceia; acrílica s/ tela; 54 x 86 cm; (e fotografia, impressão fine art; 54 x 86 cm; tiragem 3); 2023

Onde Jesus estaria seguro hoje com uma mesa farta e diversa?  
Na comunidade, em Jerusalém ou na Palestina?  
A liberdade e a diversidade religiosa não podem ser assassinadas.

Aleteia Daneluz & J. Bosco Renaud



Power game / Jogo de poder; acrílica s/ papel Renaud 240 g.; 40 x 70 cm; 2024

Nesse trabalho contrapomos esse jogo/game entre a América Latina e Os Estados Unidos, alterando o posicionamento da estratégia estadunidense nas economias latinas. O Jogo tem que virar!



Ana Ana



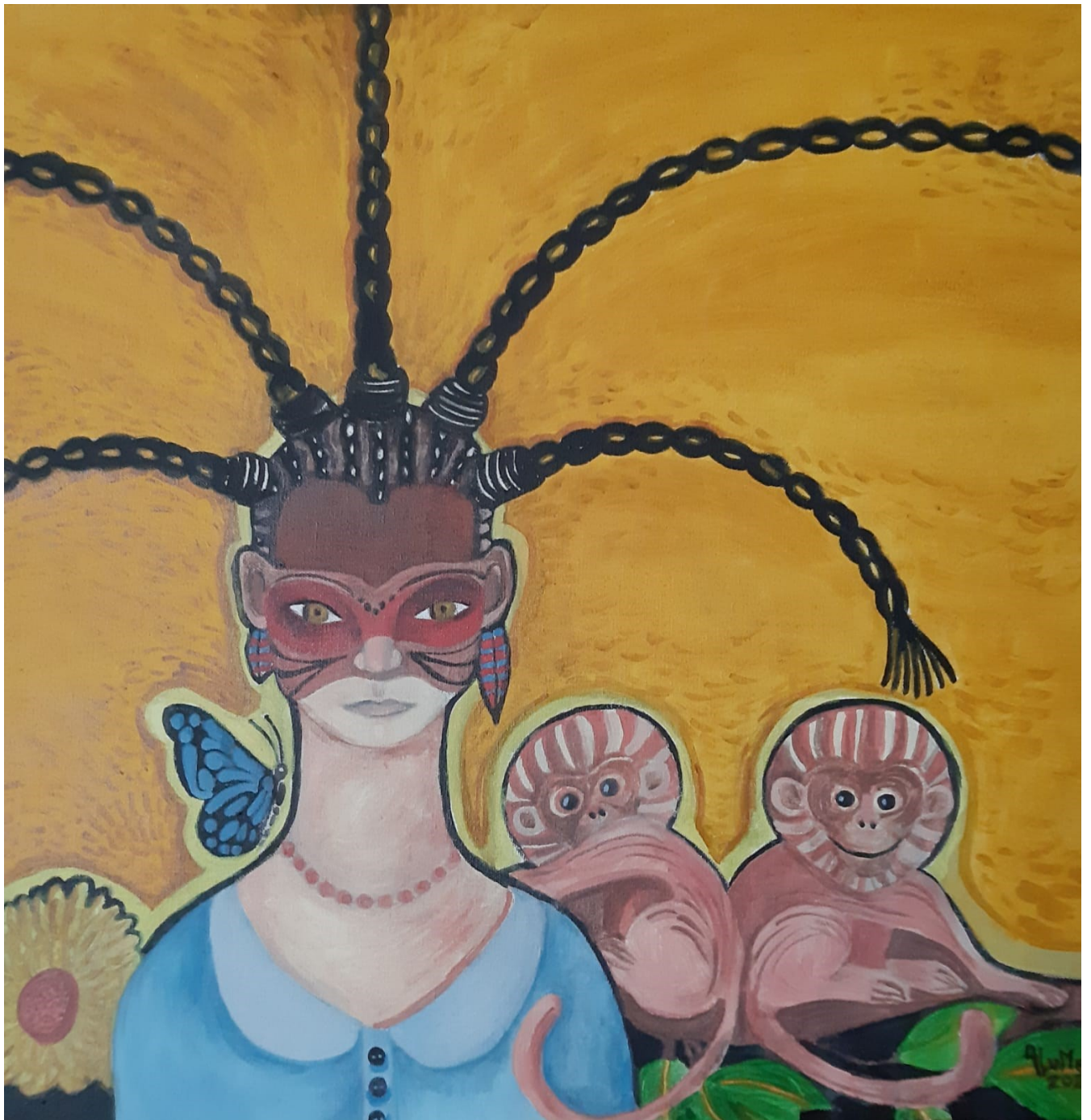
João de barro; argila, terracota e barro em caixa de acrílico; 34 x 50 cm; 2024

Ana Lenzi



Natureza; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2024

Ana Luiza Mello



Miscigenação; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2023

Ana Lupinacci



Véus de Ver II (díptico); aquarela s/ papel; 15 x 40 cm, moldura 27 x 64 cm; 2022

Ana Maria AS



Sujeito Dividido: Sujeito do Inconsciente; técnica mista (giz aquarelável Caran d'Ache, lápis multicolor do MoMa, lápis grafite 6B); 15 x 21 cm; 2024

Ana Morche



O cercado; acrílica e tecido s/ tela; 60 x 60 cm; 2024

Ana Paula Alves de Souza



Sem título, série Shame; técnica mista; 95 x 140 cm; 2014

Andre Sheik



Cruzeiro do Sul Visto de Cima; tachas de metal dourado incrustadas em papel  
Canson 224 g; 42 x 29,7 cm; 2024



Angela Gomes



Convento da Penha (Vila Velha – ES); acrílica s/ tela; 78 x 98 cm; 2024

Angela Moraes



A caminho do sul; arte digital, impressão em lona plástica; tiragem única; 42 x 60 cm; 2023

Anna Braga



Série Puro Álibi N. 40; acrílica s/ papel com colagem; 30 x 42 cm; 2023

Augusto Herkenhoff



Perdeu Mané!; óleo s/ madeira (violão); 100 x 38 cm; 2024

Belladonna



Australis; panô pintado em acrílica, fio de lã, fio de cobre, estrelas fluorescentes;  
121 x 79; 2023

Cácia Chemin



Alinhavo em paralelas; arte digital, impressão fine art, e alinhavo de costura; 150 x 111 cm; 2024

Carla Crocchi



O Homem que optou por sulear; arte digital, impressão fine art; 60 x 60 cm; tiragem única; 2018

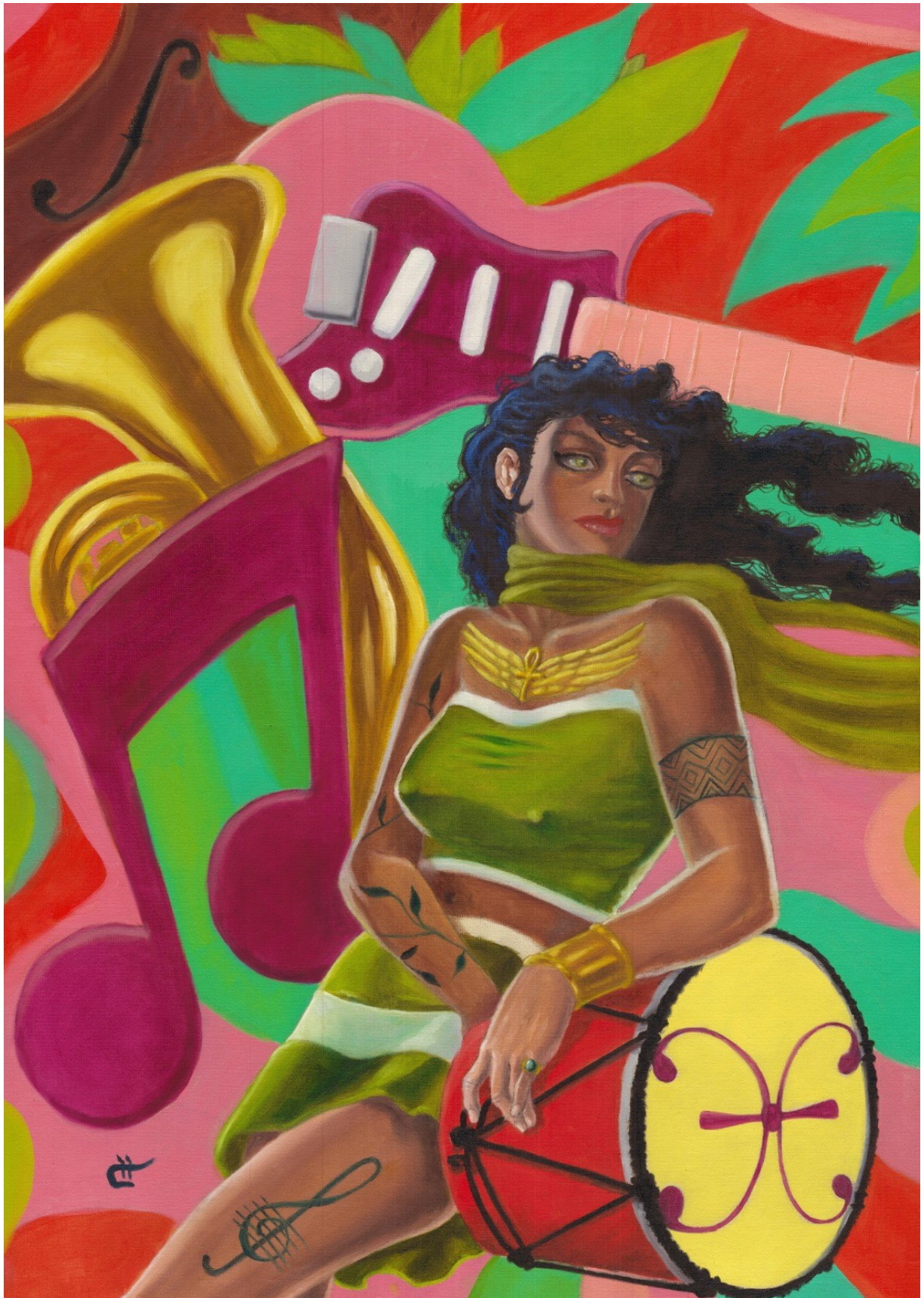
Carlos Barroso

goldgodgoolgoldgodgogoolgoldgodgoolgoodgoolgodgologood  
goodgoldgoolgoldgoolgoldgodgoldgoolgodgolgogodgoolgool  
goolgodgoldgoolgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoldgodgool  
goldegoolgoldgodgoolgoldgogoolgoolgodgoolgodgoodgood  
gologgoldgoolgodgoldgoolgoldgodgologgoldgodgoolgodgolog  
godgodgoolgoldgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgoolgoldgod  
gogogoldgoolgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoldgoolgoldgool  
gogodgoolgodgoolgoolgoldgoodgoolgodgoolgolodgoolgod  
goldgoolgodgoldgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgoldego  
goolgodgoldgodgoolgoldgodgoolgodgoolgodgoolgool

Sem título (poema visual); arte digital, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g;  
30 x 40 cm; tiragem 10; 2010



Carlos Hollanda



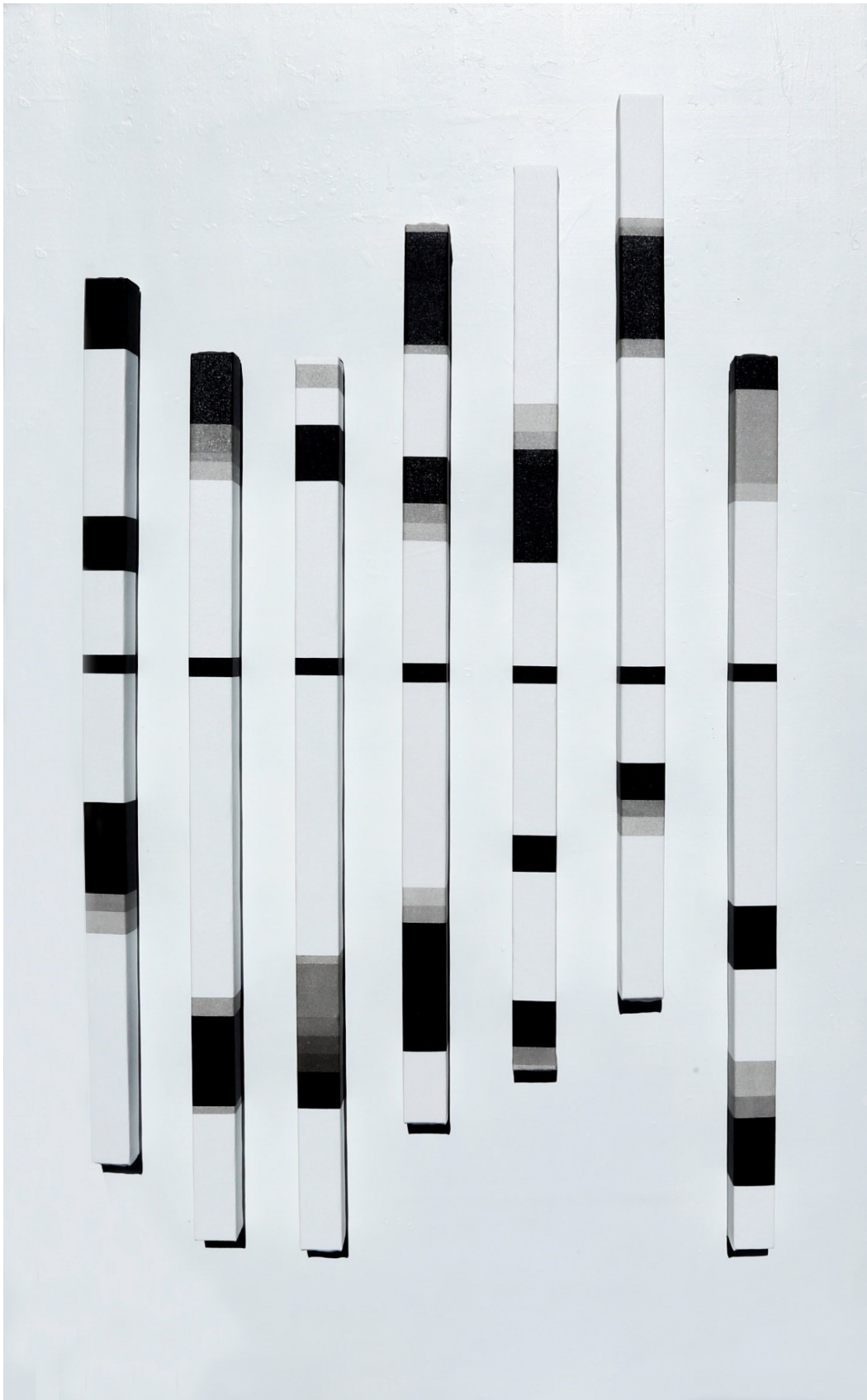
Afrodite Tropical; óleo s/ tela; 60 x 80 cm; 2024

Carola García



Navegadores; acrílica em tecido; 60 x 80 cm; 2024

Catia Goffinet



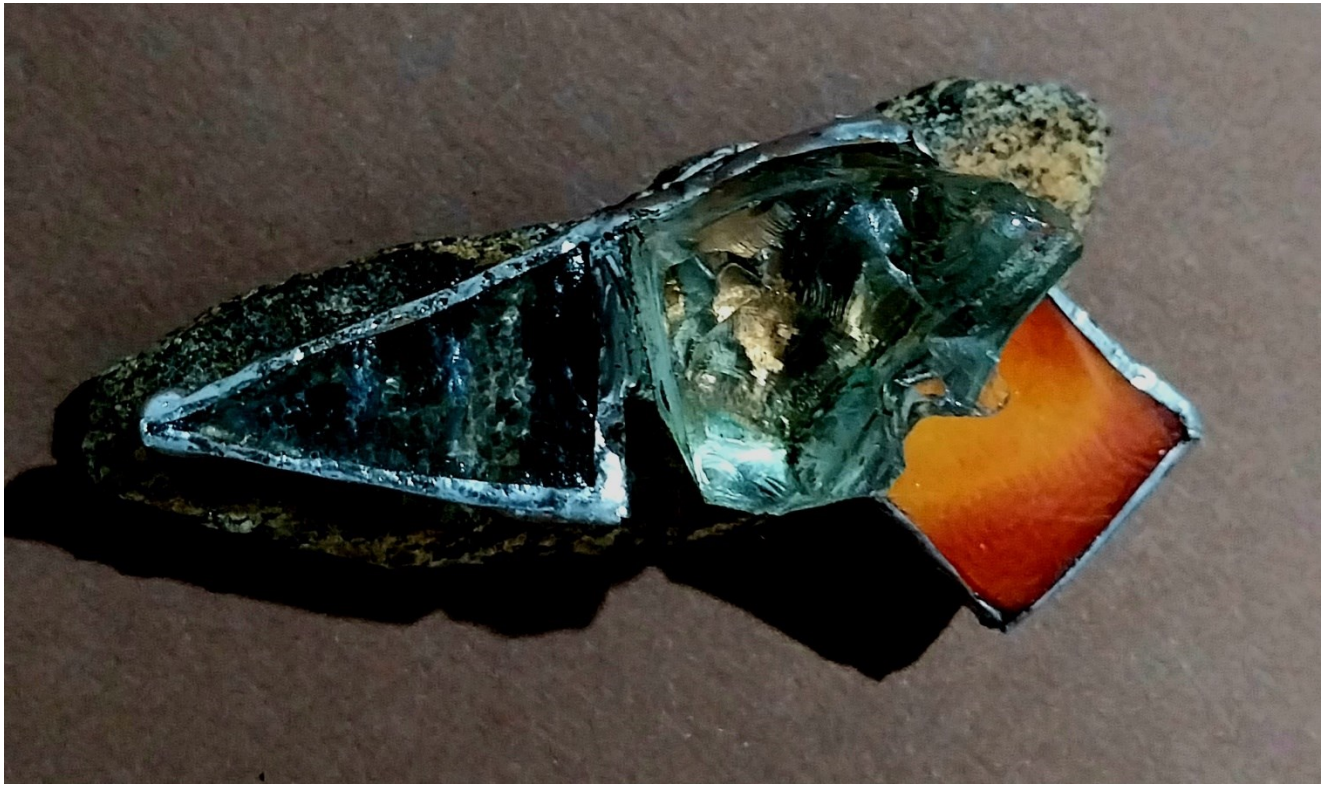
Ecos do Infinito; acrílica s/ tela; 75 x 100 cm; 2024

Celina Noli



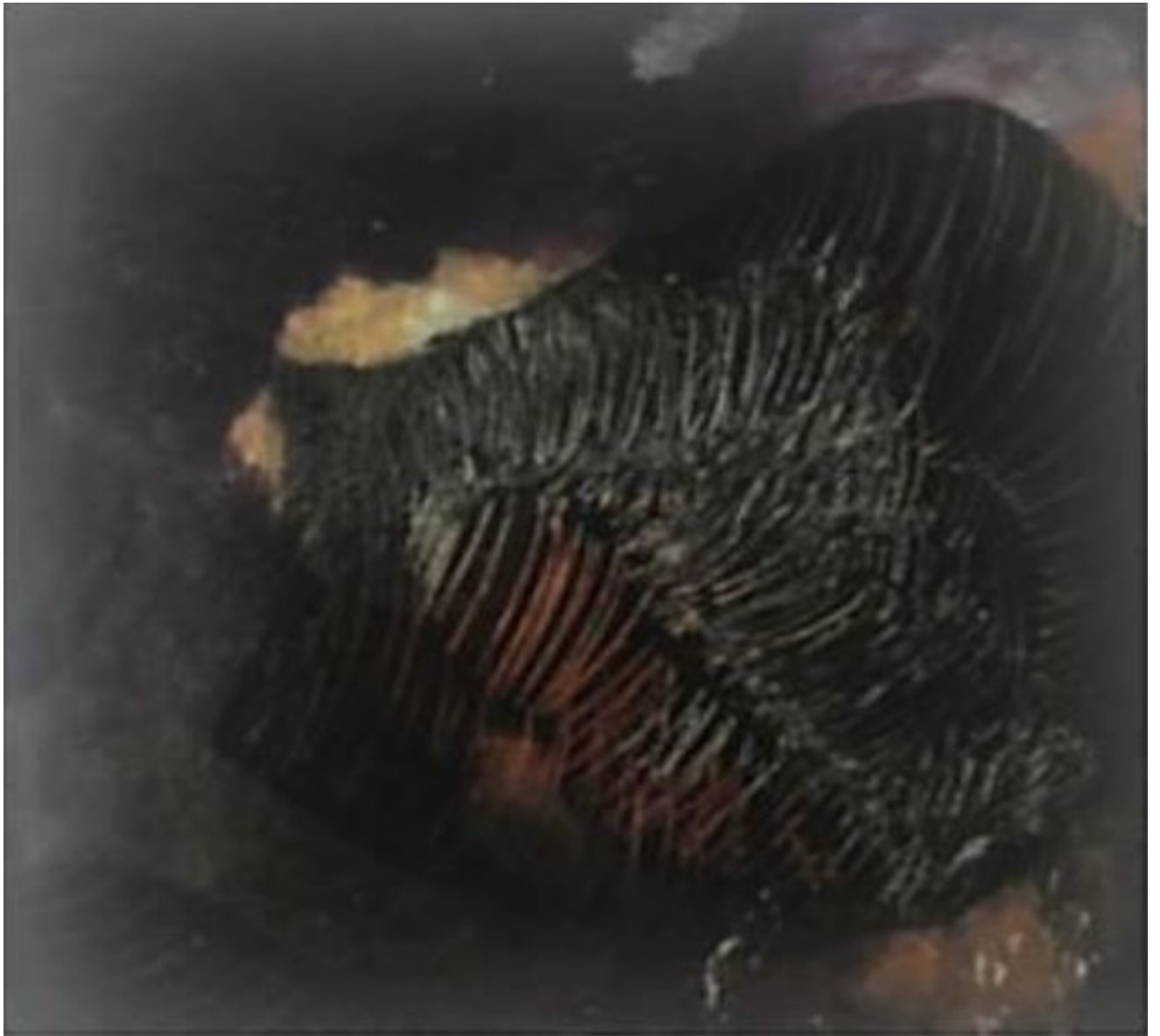
Desconsolo silente; acrílica s/ tela; 100 x 100 cm; 2024

Celso Adolfo



Amuletos Rupestres; granito, vidro, cristal, esmalte de vidro, estanho; 12 x 6 x 3 cm;  
2024

Clara Infante



Sem título; acrílica s/ tela; 67 x 67 cm; 2023

Claudia da Rocha Braga



Contemplação; aquarela; 31 x 23 cm; 2023

Claudia Tolentino



Sem título 1; impressão em relevo, desenho, colagem, bordado prata; 19,5 x 15 cm; 2023



Conceição Durães



Sem título; técnica mista, fotografia de obra em acrílica da artista, impressão s/ lona starflex brilho 280g frente e verso, intervenção com colagem, tiragem única; 100 x 50 cm; 2023

Cunca Bocayuva



Quem defende a floresta?; desenho digital s/ PVC; 80 x 50 cm; 2022

Daniela Versiani



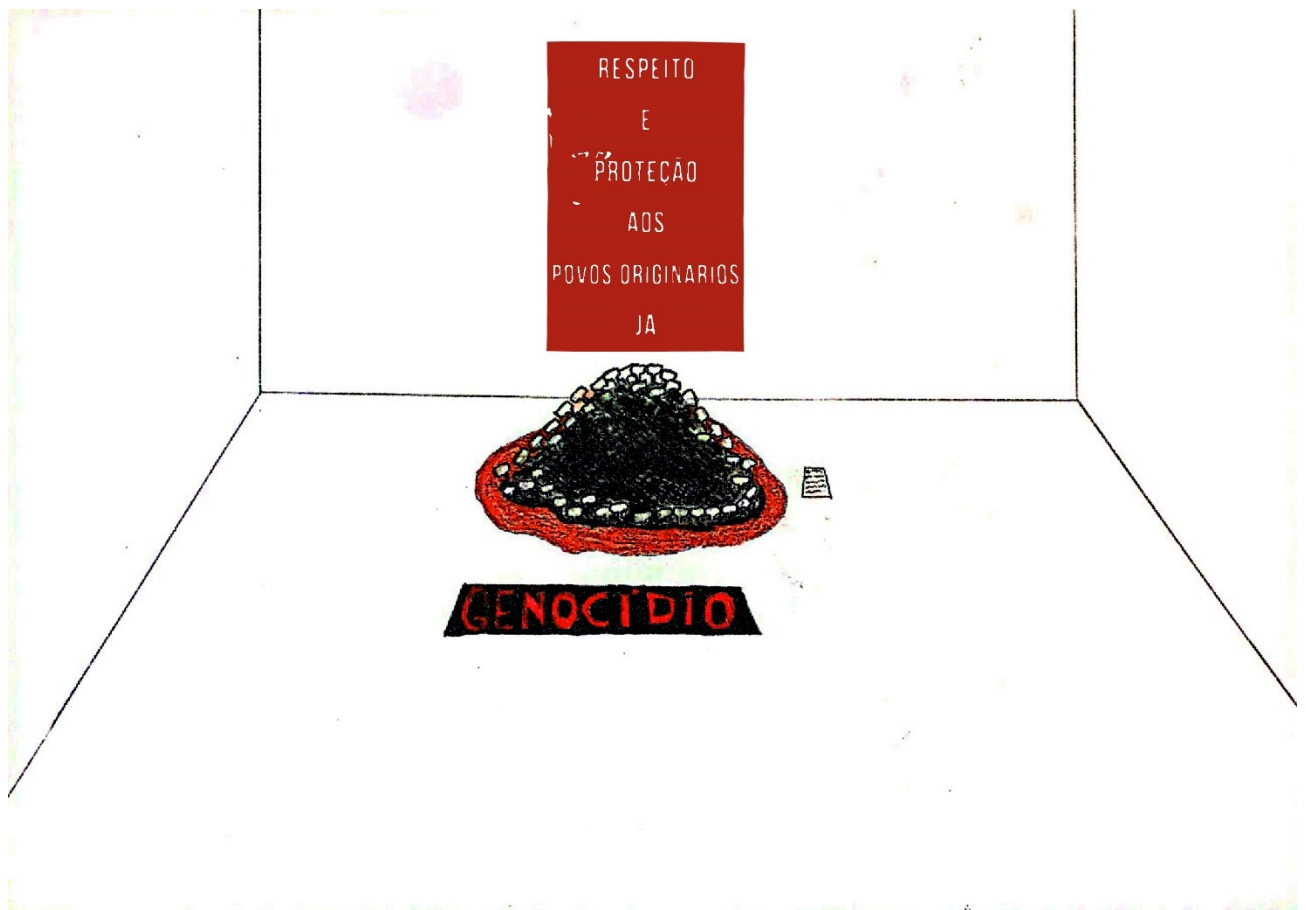
Sem título; colagem s/ papel Canson 300 g, 41 x 29 cm (com moldura 43 x 33,5); 2021

Daniele Bloris



Sopros; técnica mista, impressão fine art; 90 x 70 cm; 2022

Debora Guimarães



O Grito; adesivo, banner, terra preta, terra vermelha e placas de MDF; dimensões variáveis; 2024

Deneir



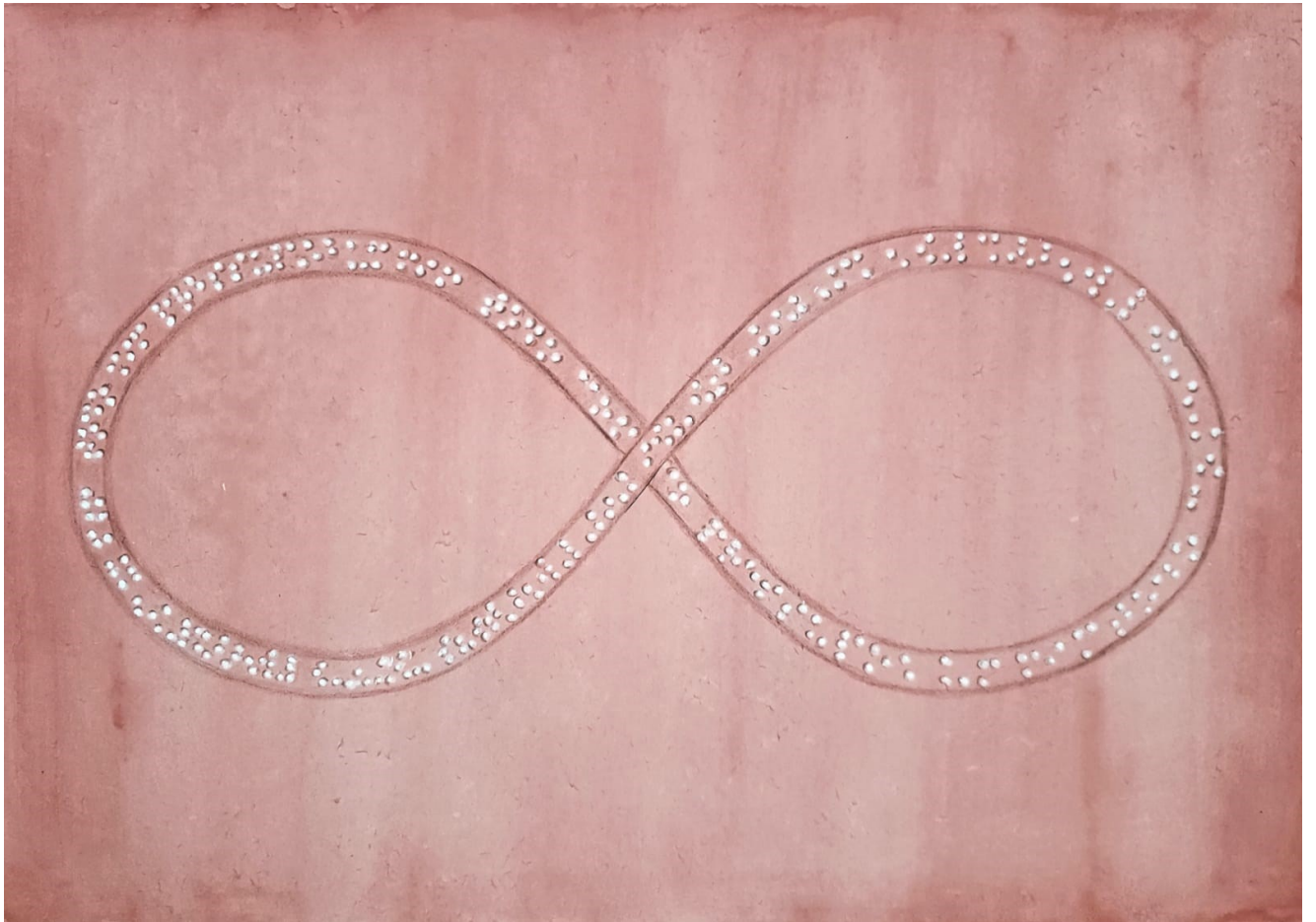
Balão Rendido; gravura digital, impressão fine art s/ papel Hahnemuhle; 3 x 64 x 88 cm; 2018

Denise Campinho



Folia rupestre; técnica mista s/ tela; 115 x 95 cm; 2018/2024

Dulce Lysyj



Todo fim pressupõe um começo; técnica mista: pintura, desenho e escrita em Braille  
s/ papel; 30 x 42 cm; 2017



Ed Di Lallo



Descontinuado; técnica mista; 80 x 60 cm; 2023

Elson Fróes



Escalada da Felicidade (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g; 30,5 x 31 cm; tiragem 10; 2022

Fabiula Jesus



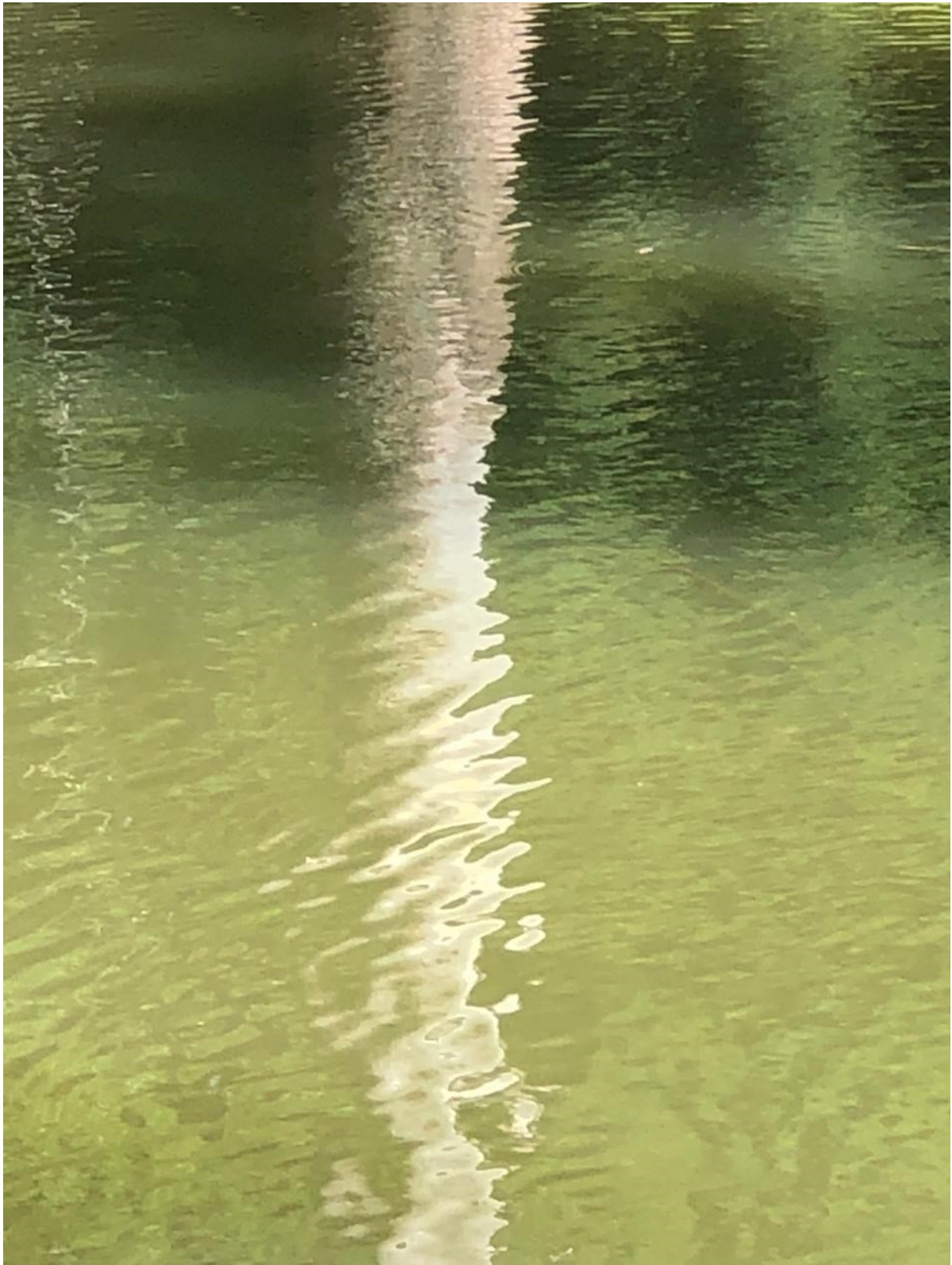
Emergindo Finalmente; acrílica s/ tela; 30 x 50 cm; 2024

Fernanda Lago



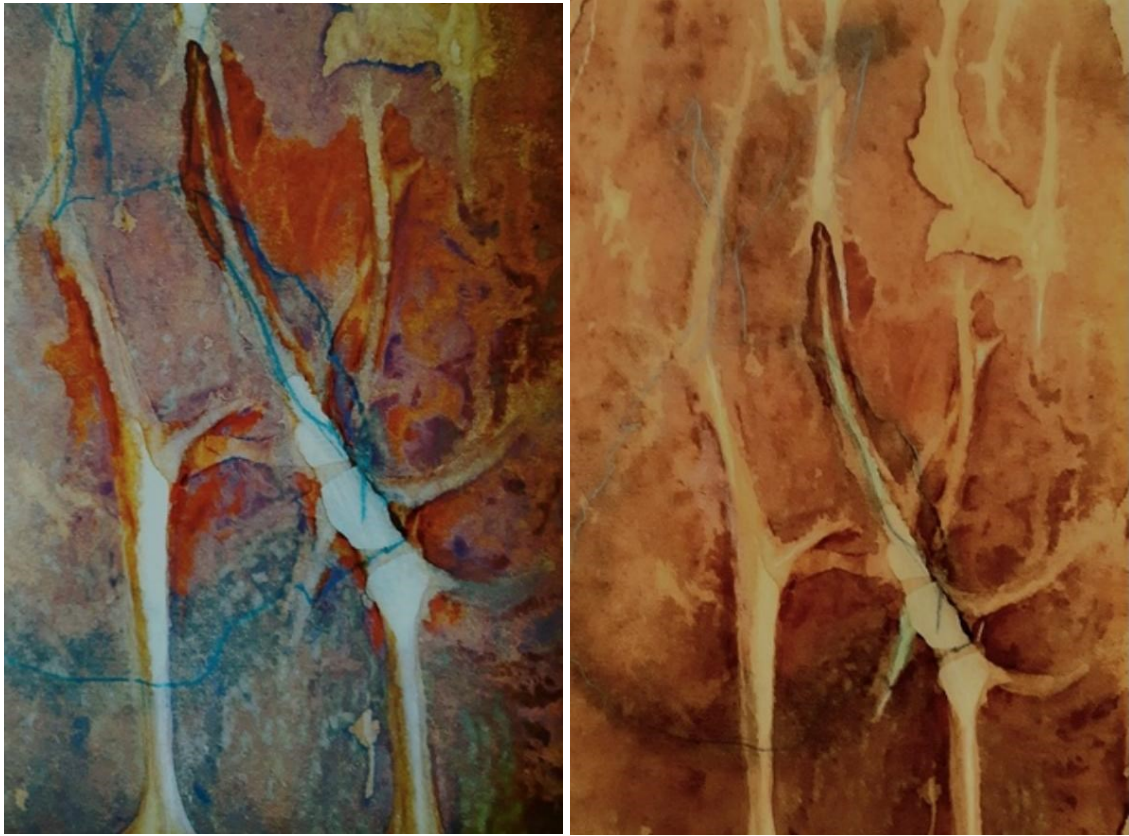
Dragão 8; xilogravura; tiragem 1/30; 38 x 38 cm

Flavia Fernandes



Pintura abstrata; fotografia, impressão fine art; 21 x 29 cm; tiragem 15; 2024

Francc Neto



Meu Sangue Cafeinado 1 e 2; fotografia, impressão fine art s/ canvas; 60 x 40 cm; tiragem única; 2023

Inspirado no livro de Adichie, Chimamanda Ngozi. Hibisco Roxo. São Paulo: Companhia das Letras: 2011

Franklin Valverde



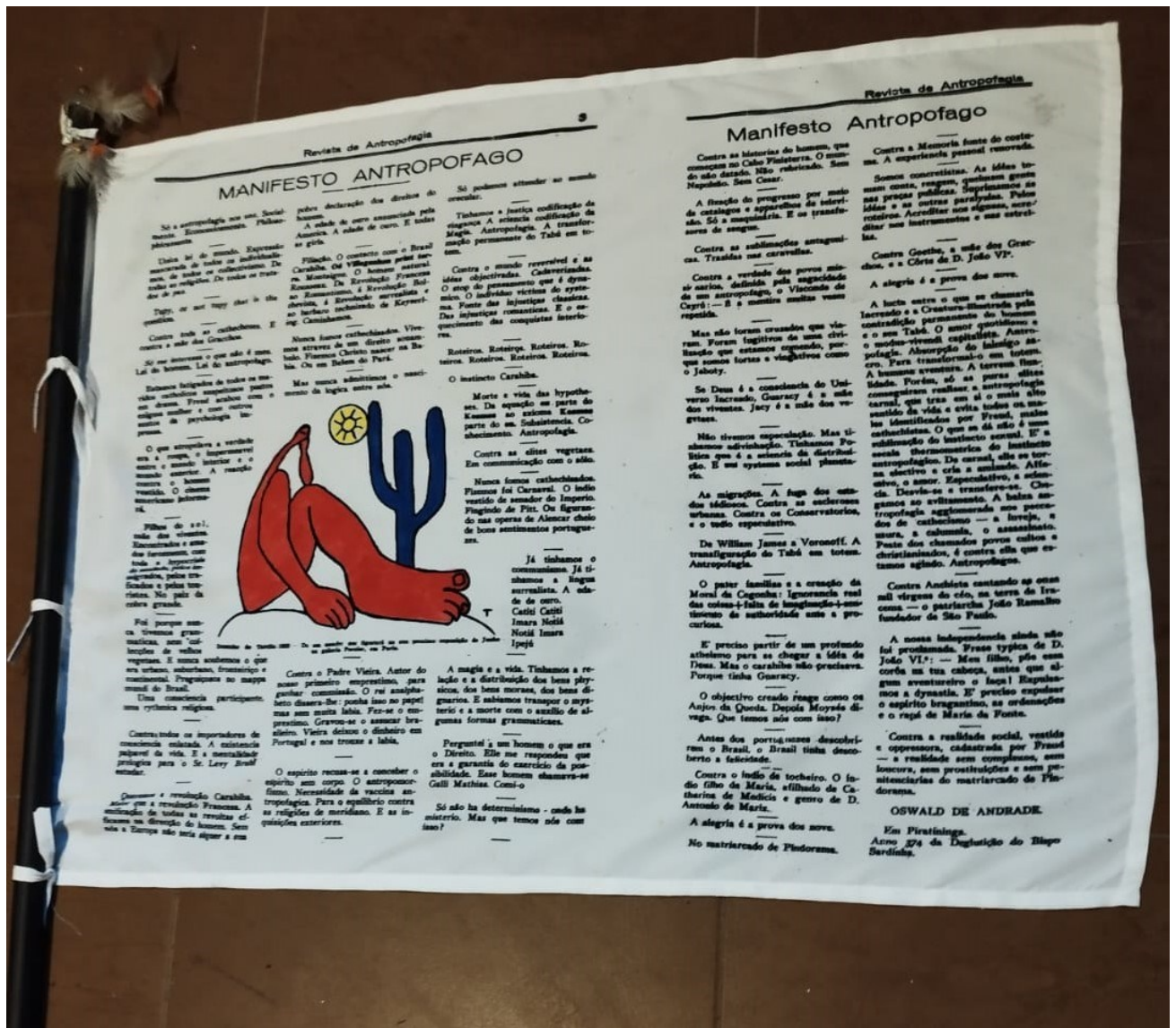
Brasil (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g; 30 x 30 cm (mancha 20 x 20 cm); 2003

Gabriel Gariba



Conchários; fotografia e colagem digital (imagens de conchas e sedimentos marinhos provenientes de regiões de sambaquis); 50 x 50 cm; 2022





Estandarte Antropofágico; tecido impresso e pintado, madeira e arte plumária; bandeira 86 x 68 cm, haste 106 cm; 2022

# MANIFESTO ANTROPOFAGO

No antropofagia não se Social...  
 Unidade do mundo. Expressão...  
 Contra tudo os católicos. E...  
 Não se atreva o que não é seu...  
 Distância bilíngua de todos os...  
 O que antropofagia a verdade...  
 Filhos do sol...  
 Foi porque sou...  
 Uma consciência participativa...  
 Contra todos os importadores de...  
 Querem a revolução Caribí...  
 A revolução de todos os resultados...

plena declaração dos direitos do...  
 A unidade do povo associada pela...  
 Filhos. O contrato com o Brasil...  
 Nunca fomos católicos. Vive...  
 Mas nunca admitimos o resac...



Só podemos atender ao mundo...  
 Tinha-se a justiça codificada de...  
 Contra o mundo revelado e as...  
 Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros...  
 O instinto Caribí...  
 Morte e vida das hypothese...  
 Contra as elites vegetais...  
 Nunca fomos católicos...  
 Já tinhamos o...  
 A magia e a vida. Tinha-se a...  
 Perguntai a um homem o que era...  
 Si não há determinismo - onde há...

## Manifesto Antropofago

Revista de Antropofagia

Contra as histórias do homem, que...  
 Contra a Memória fonte do contem...  
 Somos concretistas. As ideias to...  
 A fixação do progresso por meio...  
 Contra as sublimações antropog...  
 Contra a verdade das povos mi...  
 A alegria é a prova dos avers...  
 A luta entre o que se chamaria...  
 Mas não foram cravados que vi...  
 Se Deus é a consciência do Un...  
 Não vivemos especulação. Mas ti...  
 Ao migrar. A fuga dos estu...  
 De William James a Voronoff. A...  
 O poder familiar e a criação de...  
 E preciso partir de um profundo...  
 O objetivo criado Plaga como os...  
 Antes dos portugueses descobri...  
 Contra o lodo do tocheiro. O in...  
 A alegria é a prova dos avers...  
 No matriarcado de Pindorama.

Gilda Goulart



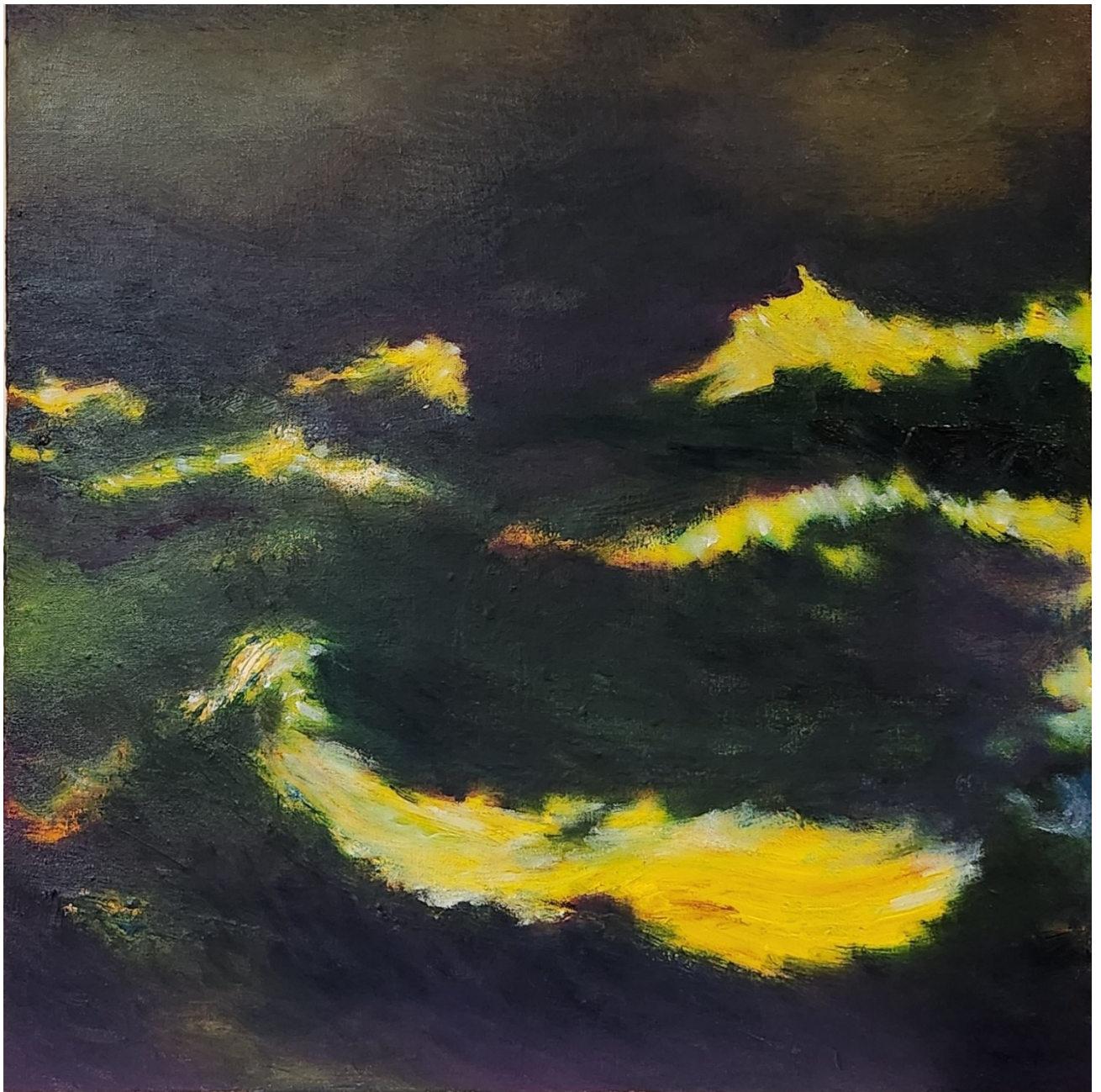
Via Brasil, impressão e colagem s/ lona; 45 x 45 cm; 2023

Gilda Nogueira



Sulear a Paisagem; acrílica e pigmento natural s/ tela; 72 x 122 cm; 2024

Gloria Conforto



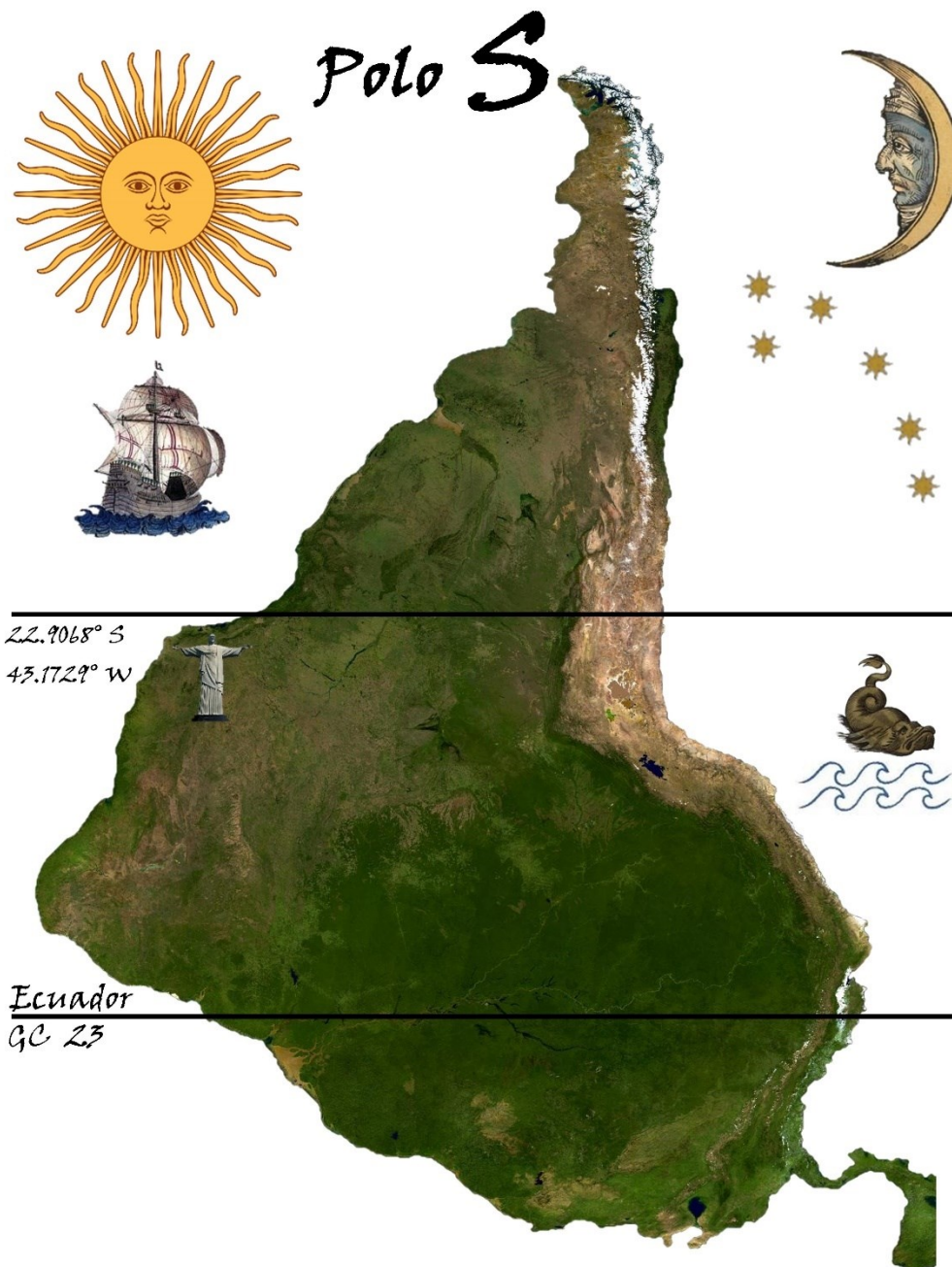
Mares do Sul - Estreito de Drake; óleo s/ tela; 40 x 40 cm; 2024

Graci Kaley



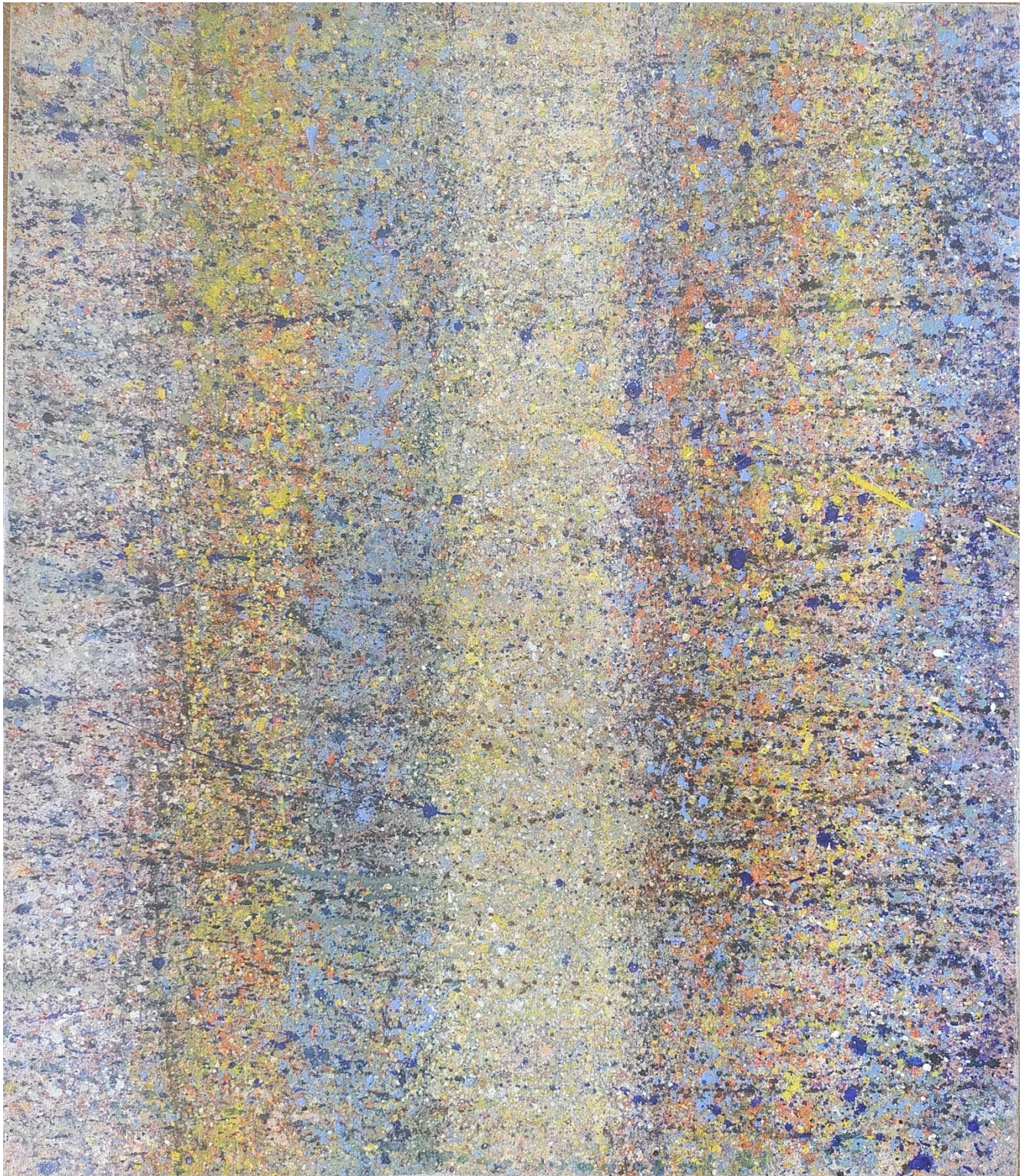
Coordenadas ao sul do equador; acrílica s/ tela; 153 x 166 cm; 2024

Gringo Carioca



América divertida; arte digital, impressão fine art; tiragem 10; 40 x 60 cm; 2023

Guto Goulart



Sem título; acrílica s/ tela; 70 x 60 cm; 2023

Helena Trindade



FLAT EARTH\_Uni versos; fotografia de mapa-múndi em forma de Banda de Moebius, impressão fine art; 50 x 40 cm; tiragem 50; 2024



Hortensia Pecegueiro



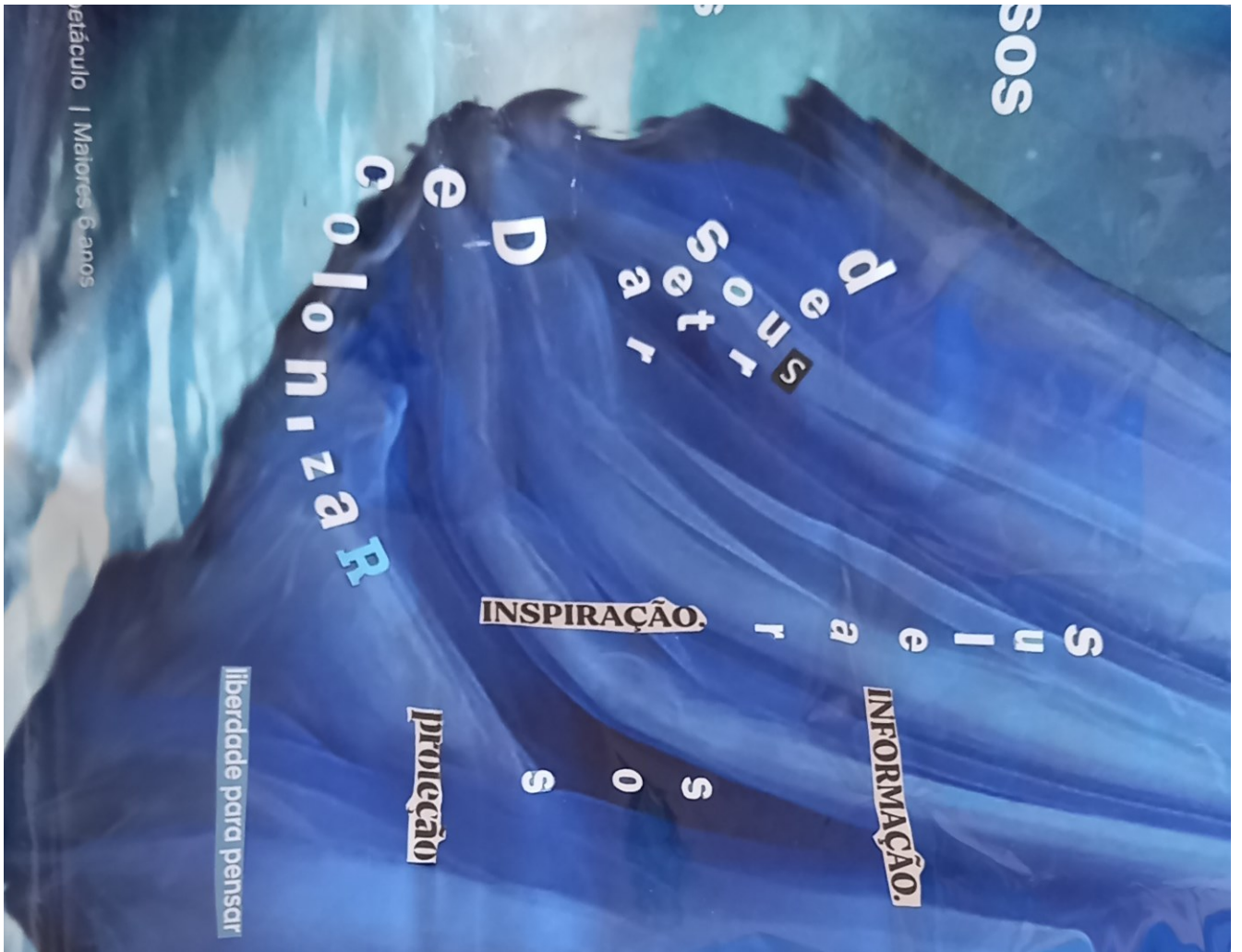
Frutos latinos II, acrílica s/ tela; 50 x 69 cm; 2023/24

Ilda Fuchshuber Falacio



Sul cresce e floresce; acrílica s/ tela; 60 x 40 cm; 2024

Traceia de Oliveira



Sem título; colagem s/ banner reaproveitado, impressão única s/ tecido; 55 x 64 cm; 2023

Isabela Frade



D.R. (Discutindo a relação); cerâmica modelada no torno e esmaltada; 9,3 x 17 cm; 2006

Isabella Marinho



Sem título; carvão, colagem e acrílica s/ tela; 80 x 80 cm; 2017

Izabel Vidal



Oferenda (instalação); vaso de cerâmica, cordas trazidas pelo mar, flores de escamas de peixe, chitão e artefato em resina simbolizando lemanjá negra; 38 x 48 x 66 cm; 2024

Jaci Castro



A igreja; acrílica s/ tela; 70 x 40 cm; 1975

Jaci Rabelo



Transcendência; fotografia, impressão fine art; 29,7 x 42 cm (cada); 2020



Jairo Fará



Poetize (poema visual); arte digital, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g; 42 x 30 cm; tiragem 10; 2016

Jorge Cerqueira



Solitária do Sul; guache s/ papel Canson; 75 x 52 cm; 2024

José Rocha



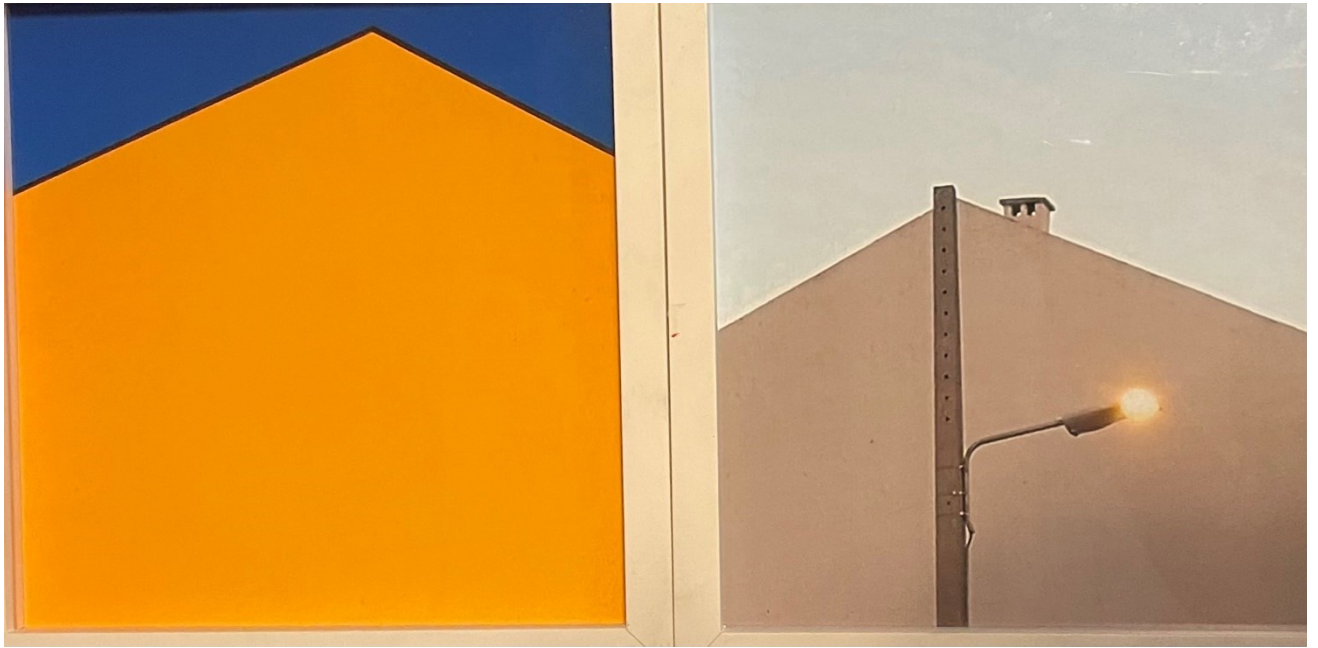
A gênese das tintas cromáticas; acrílica s/ tela; 30 x 42 cm; 2019

Joseph Vieira



Série transcendência; desenho s/ papel texturizado e colagem; 30 x 40 cm (cada);  
2021/2024

Lando



Série Lavradio; fotografia, impressão fine art; 25 x 25 cm; tiragem 10; 2023

Larissa Cysne



Banana ouro; óleo s/ tela; 40 x 40 cm

Laudy Mendes



Suleando; acrílica s/ tela; 40 x 60 cm; 2023

Leila Bokel



Amigos eternos e infinitos 2; tecido de algodão, fio de algodão e acrílica; dimensões variáveis (aproximadamente 160 x 45 x 30 cm); 2024

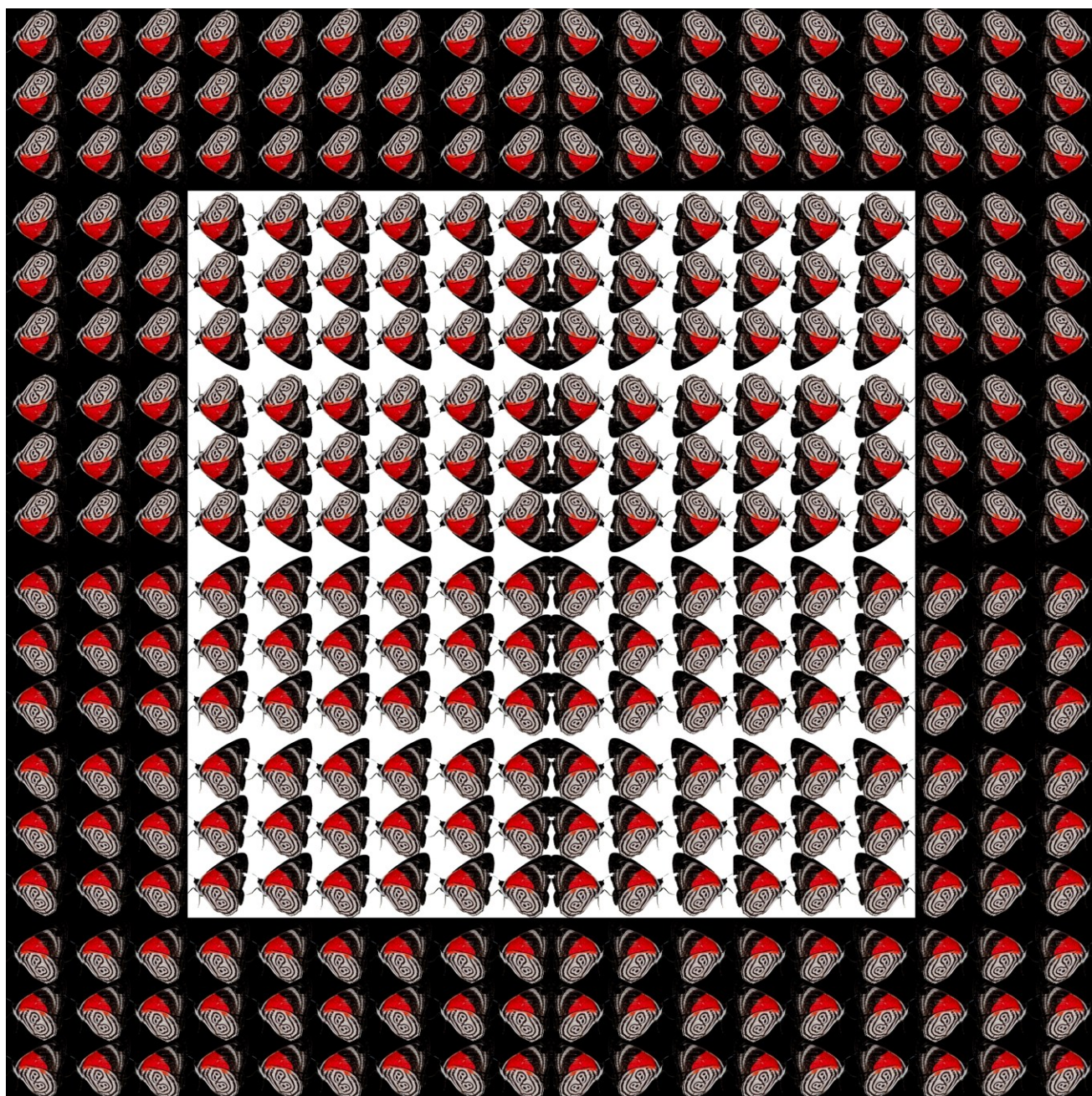


Lenn Cavalcanti



Sem título; arte digital s/ placa PVC; 50 x 50 cm; tiragem única; 2023

Let Cotrim



Panapaná; fotografia digital e colagem, impressão em tecido Oxford sintético, com ilhoses nas bordas e impressão fine-art em papel Hahnemühle Photorag Satin 310 gsm 100% algodão; 60 x 60 cm; tiragens únicas e PA; 2022

SULEAR é sobre o Sul e sua importância.  
As borboletas "88", do gênero *Diaethria*, típicas da América do Sul e ameaçadas na natureza, aparecem em revoada, panapaná, para reclamar o seu lugar.

Leticia Potengy



Ditaduras; acrílica s/ papel Kraft; 67 x 49 cm; 2024

Liana González



Guardiões do Sul; fotocomposição, impressão fine art s/ papel alfa-celulose; 90 x 120 cm; tiragem 10; 2023

Lu Guedes



Sem título; monotipia s/ papel Canson 300g.; 30 x 21 cm; 2020

Lucia Lyra



Sol Sul; acrílica s/ papel; 42 x 59 cm; 2013

Luiz Norões



O peixe na sopa; litografia, impressão em Canson pelo artista; 50,5 x 42 cm; tiragem 6/6; 1979

Luiza Kraft



Sem Título; acrílica s/ canvas; 80 x 150 cm; 2024

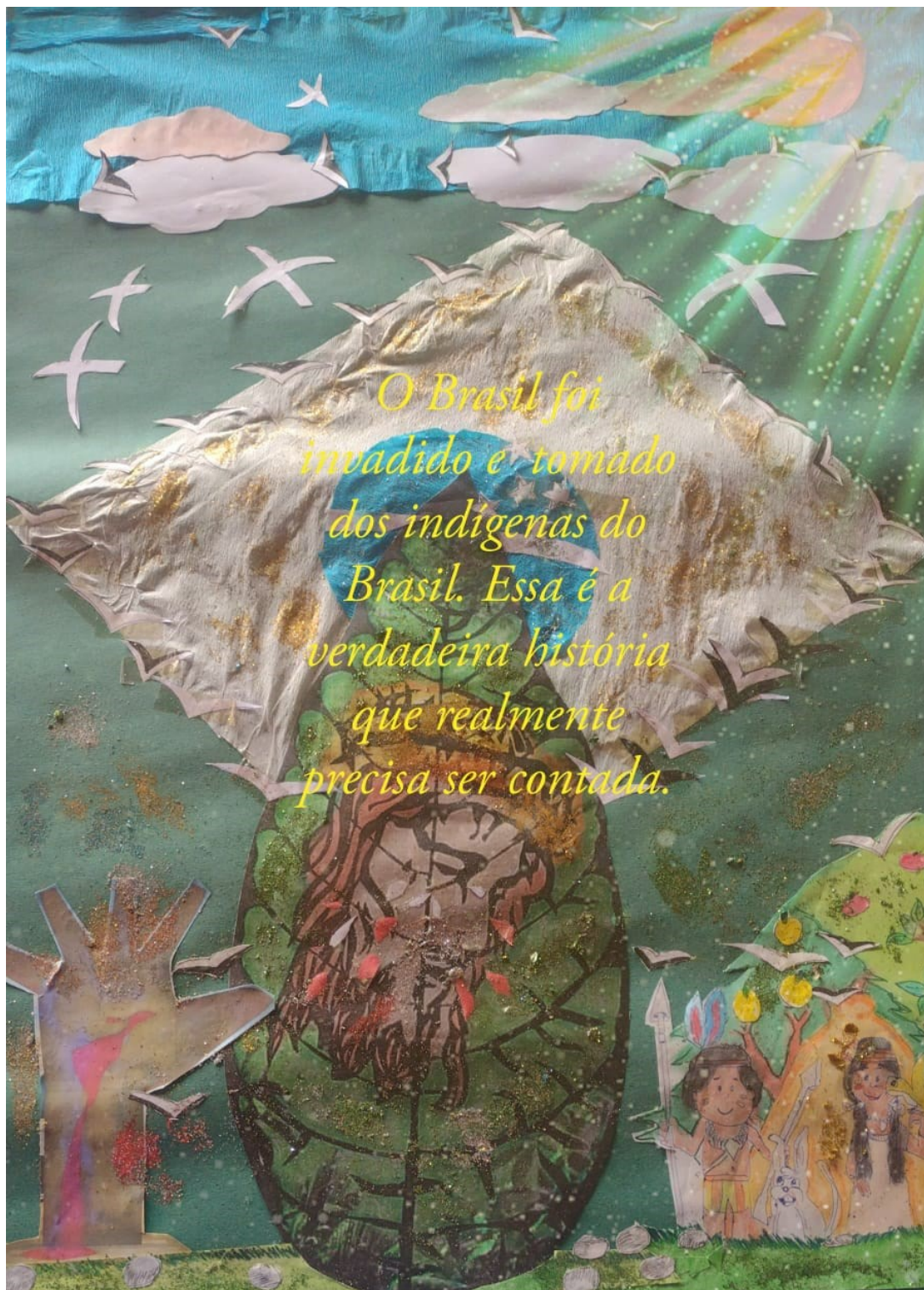


Marcelo Lago



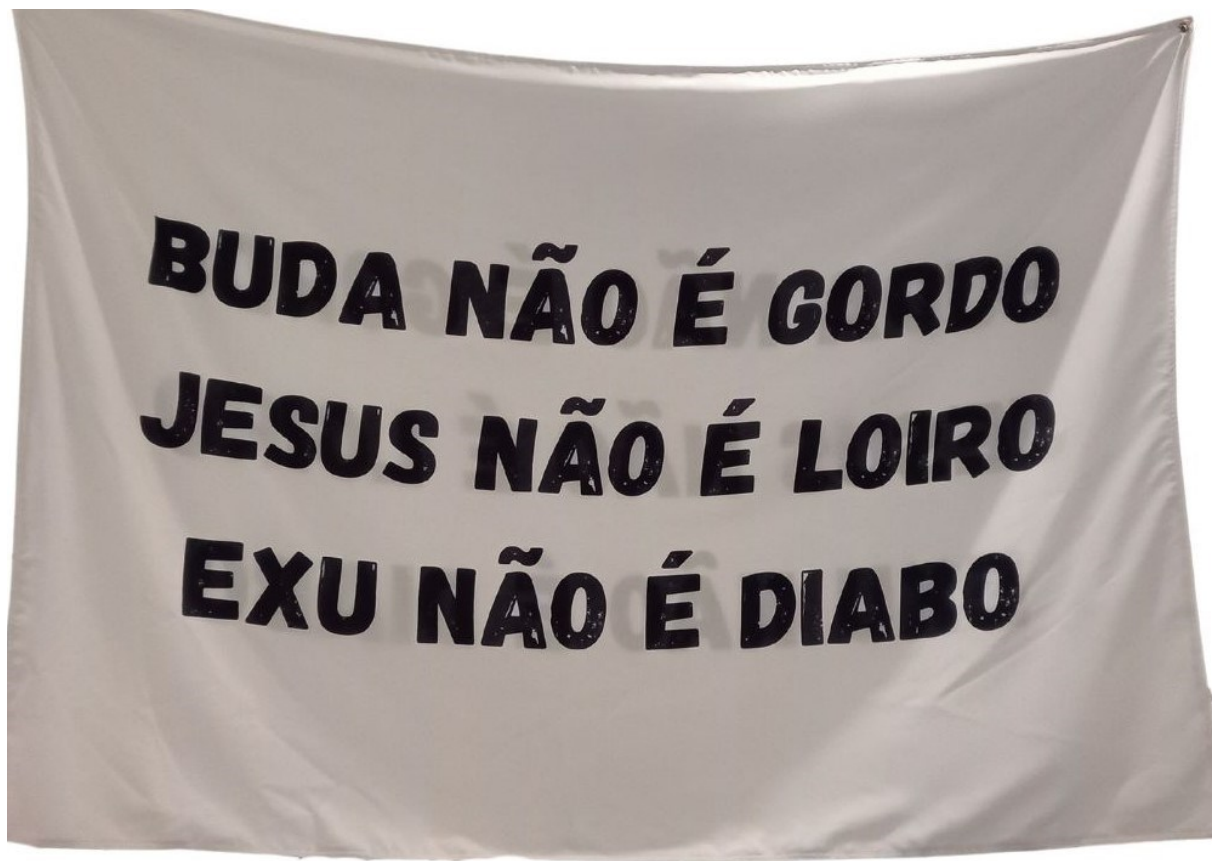
Pau Brasil (versão 2); fibra de vidro, PVC e tinta automotiva; 130 x 45 x 40 cm

Marcelo Veiga



Massacre dos povos originários: A história não contada; técnica mista e edição, colagem, purpurina; guache; lápis cera aquarelado, papel crepom s/ cartolina; 40 x 67 cm; 2023

Marcio Kozlowski



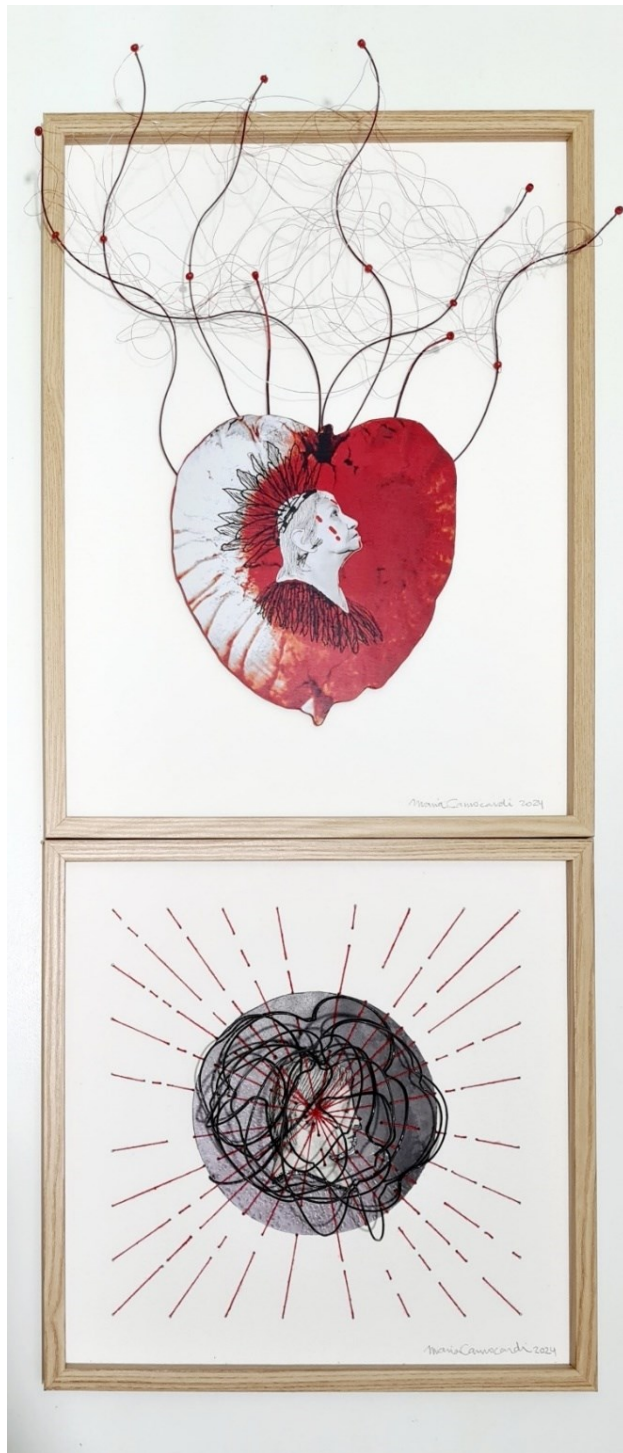
Não é; estampa digital s/ Oxford; 135 x 193 cm; tiragem 3; 2022

Maria Beatriz Trevisan



Refúgio dos Charões; acrílica e nanquim s/ papel Kraft 420gr.; 35 x 30 cm; 2024

Maria Camocardi



Amazônida (díptico - Insurreição e Submissão); técnica mista: colagem analógica e digital e diversos s/ papel 425 g/m2 Hahnemühle; 32 x 42 cm e 32 x 32 cm; 2024

Amazônida, Insurreição e Submissão, evoca a transculturalidade do povo amazônico, enaltecendo o passado indígena dos caboclos e ribeirinhos da Amazônia em repúdio ao escravismo e servidão praticados historicamente na região.

Maria Cecília Leão



Suleando-me (autorretrato); fotografia impressa em Canvas; 30 x 40 cm; tiragem 1/5; 2024

Maria Eugênia Baptista



S/ título, série vísceras da Terra; argila com pigmento e água de nascente; 60 x 80 cm; 2022

Maria Lucia Maluf



Sem título; colagem; 70 x 50 cm; 2023

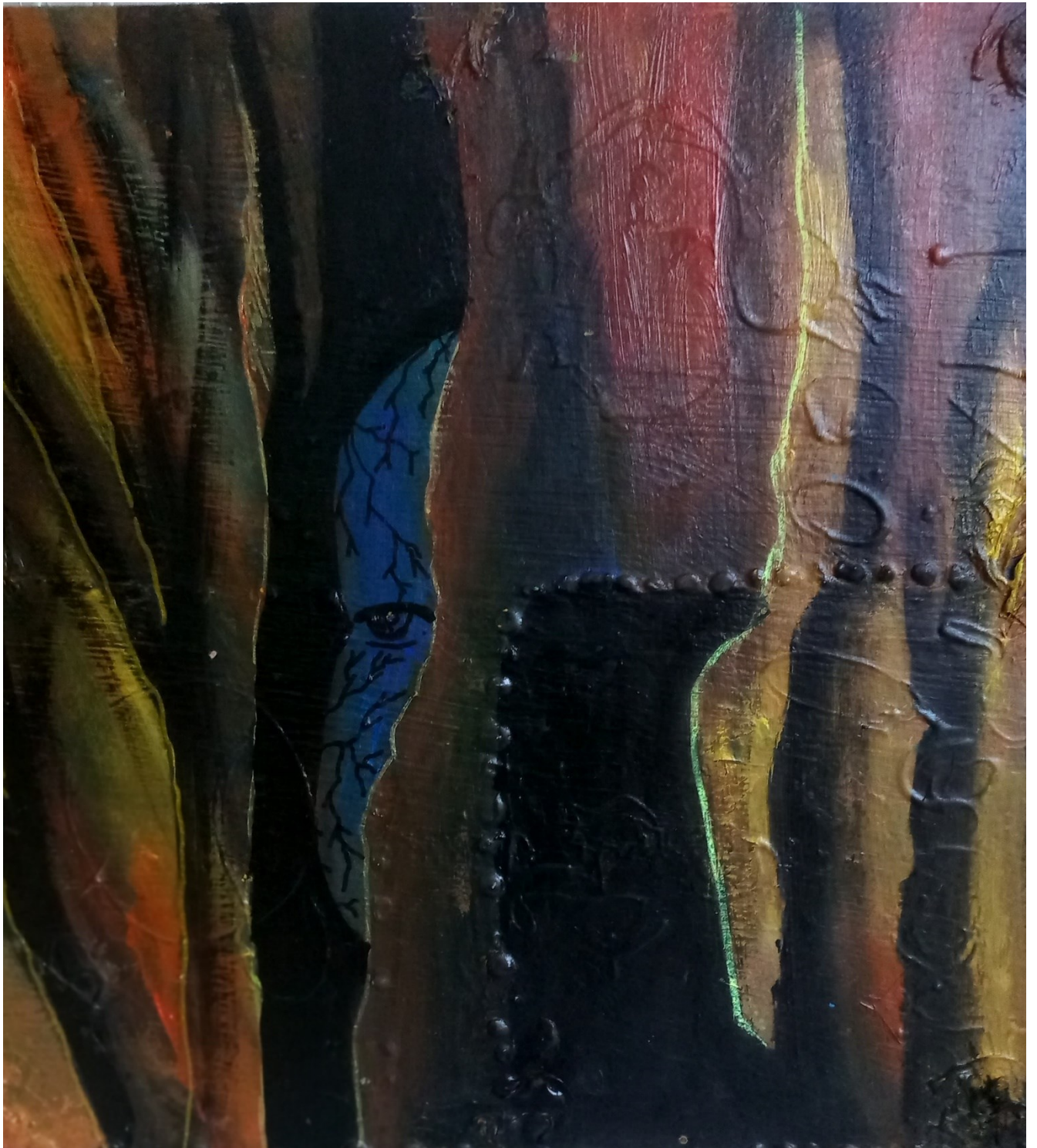


Maria Perdigão



Ancestralidade Indígena ou Mama Yanomami, e Ancestralidade Africana ou Mama África; pigmentos naturais s/ tela; 60 x 60 cm; 2014/2023

Maria Stefanon



Sem título; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2023

Marilene Nacaratti



Inverno; desenho, técnica mista: lápis de cor, lápis Crayon e líquido corretivo s/  
papel manteiga; 60 x 75 cm; 2024

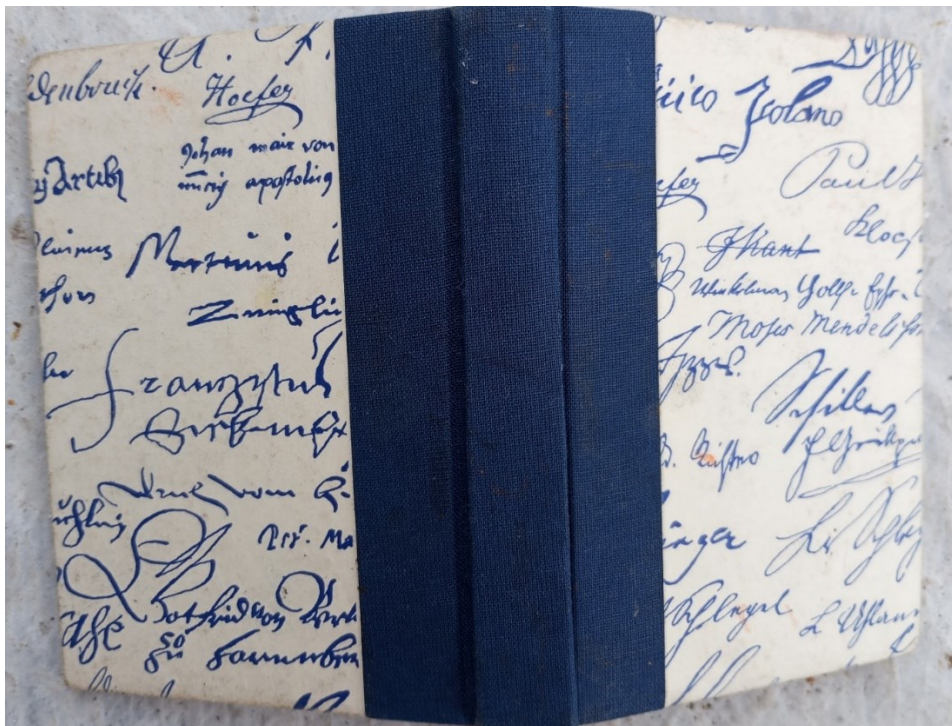
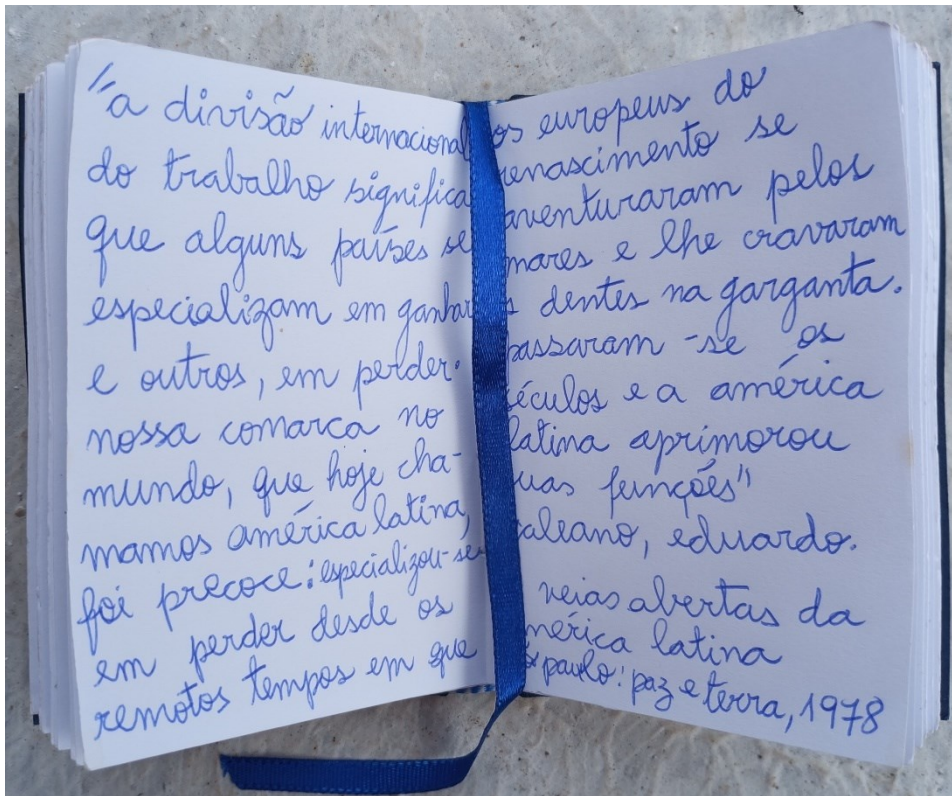
Baseado na representação da constelação da Ema obtida pelo aplicativo para celular do Projeto Stellarium Web Engine na categoria Culturas do céu – Tupi-Guarani. A Ema é uma das quatro principais constelações sazonais conhecidas pelos indígenas brasileiros. Surge na segunda quinzena de junho, ao anoitecer, no lado leste, indicando o início do inverno para os indígenas do sul do Brasil e o início da estação seca para os indígenas do norte do Brasil.

Marise Barros



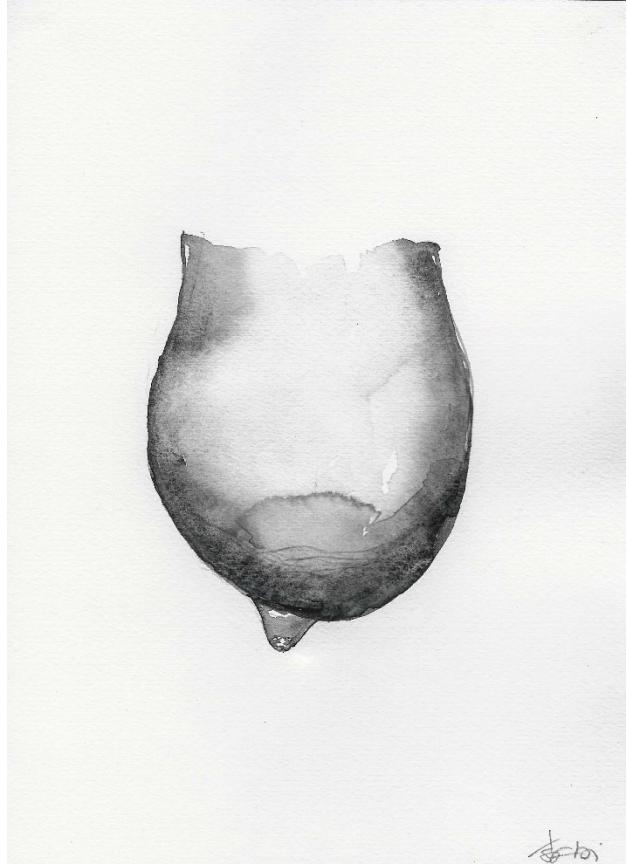
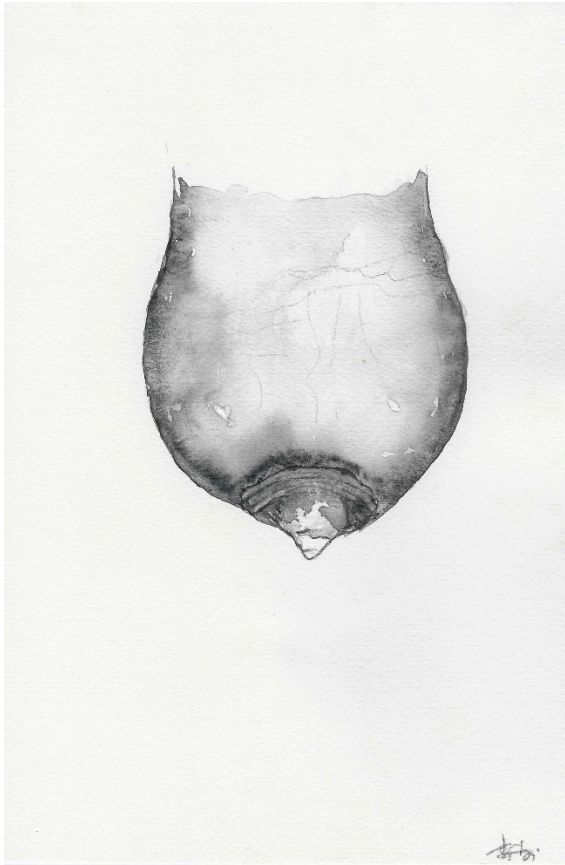
Sem título; acrílica s/ tela; 107 x 89 cm; 2023

Marta Bonimond



Desde os remotos tempos em que os europeus do renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta; caderno, caneta s/ papel; 2024

Marta Strambi



Pleito I e II, aguada s/ papel, 44 x 34 cm (cada); 2023

Maurício Theo



Encantamento - Sulear homenagem ao mestre Serra; fotografia digital e colagem;  
30 x 40 cm / 50 x 60 cm; tiragem única; 2023

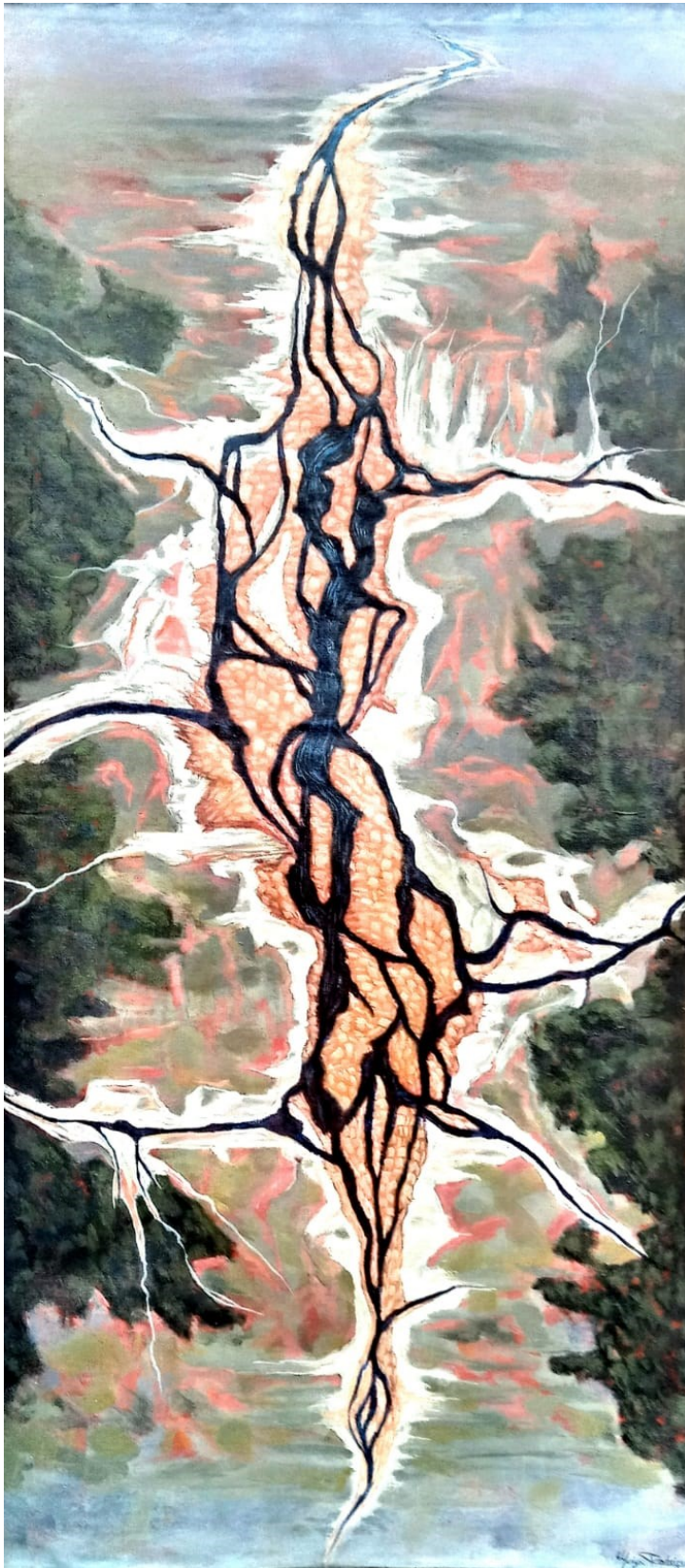
Mauricius Farina



Paisagem vaporosa; fotografia, impressão em papel de algodão com pigmentos minerais; tiragem 5; 78 x 55 cm; 2023

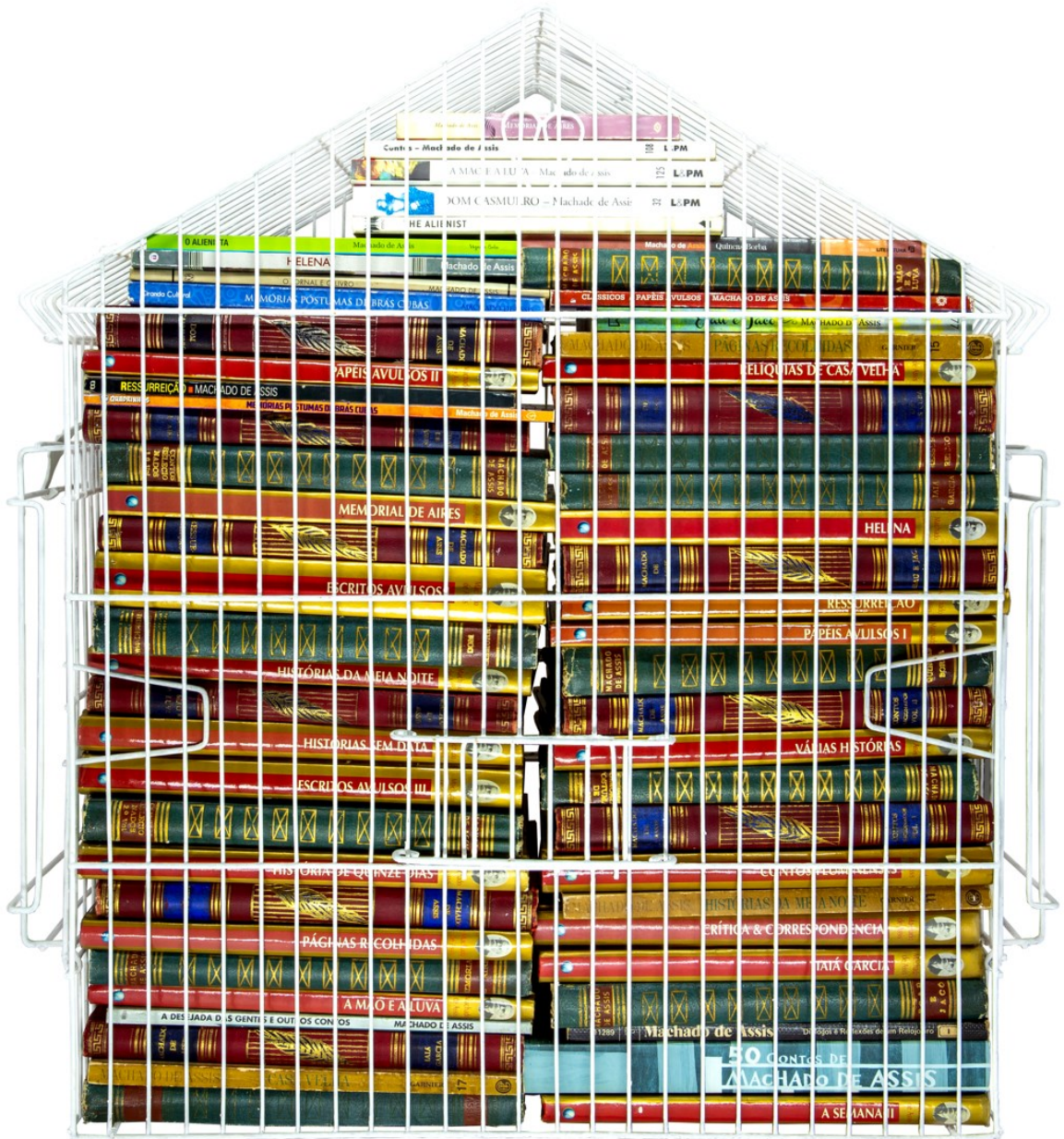


Meiga Rodrigues



Veios da vazante; acrílica s/ tela; 112 x 50 cm; 2024

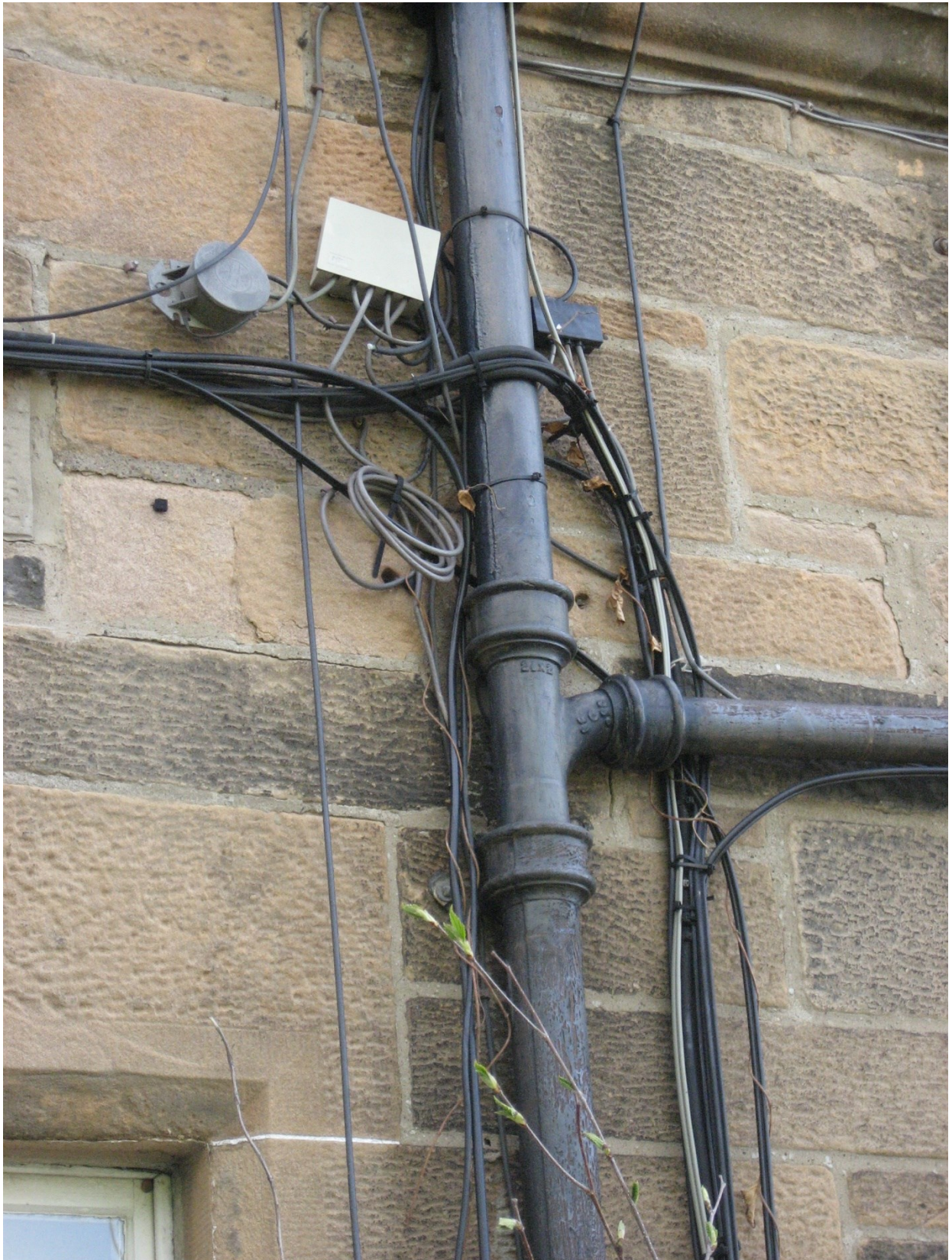
Miguel Hijjar



Machado de Assis; fotografia, impressão fine art, em papel Canson Platine Fibre Rag 310g Ultra Smooth glossy; 60 x 60 cm; tiragem 20; 2024

Num país invadido por europeus e com população negra escravizada, Machado de Assis dentro de um mundo branco se impôs com sua obra literária.

Miro PS



Adaptação; fotografia aplicada s/ PVC; tiragem única; 42 x 30 cm; 2016

Noemi Ribeiro



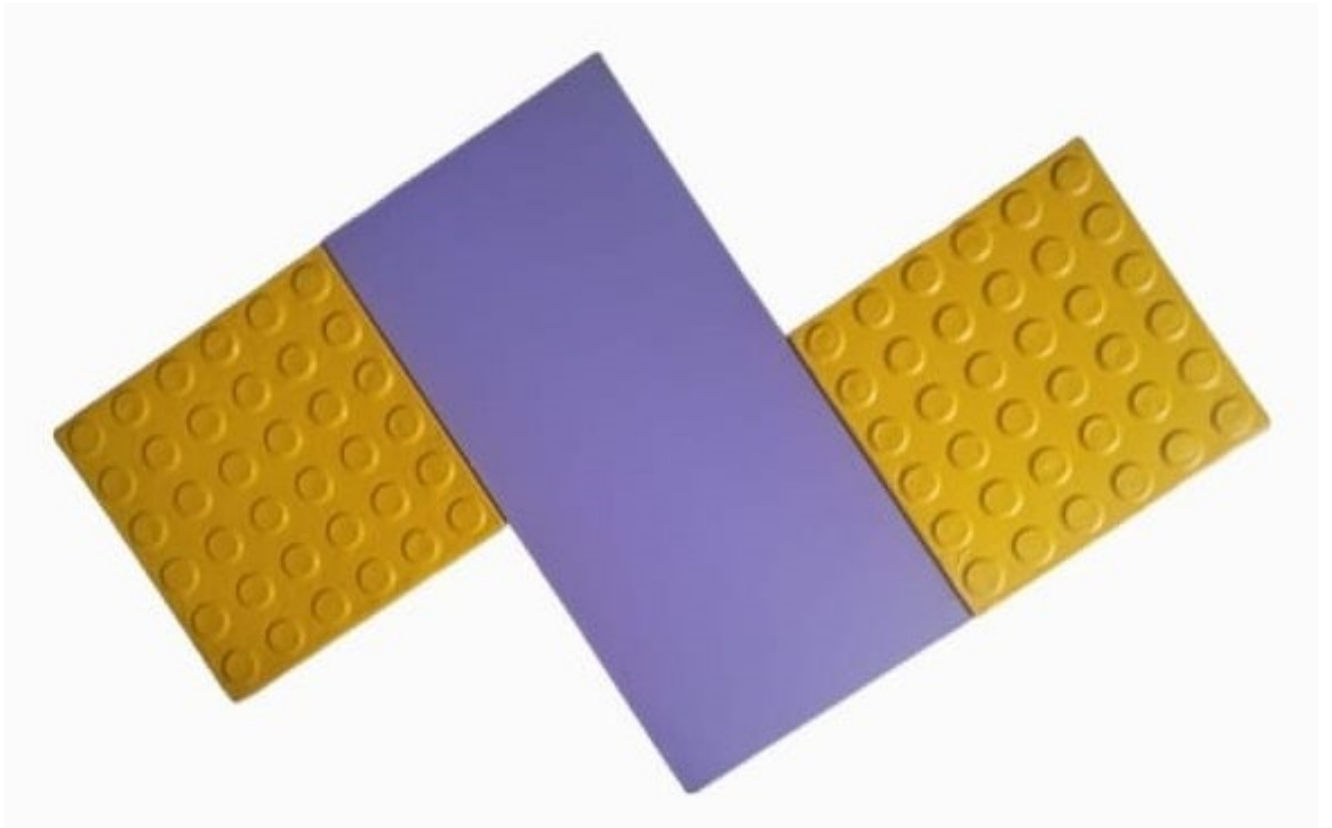
A liberdade é uma árvore que cresce rápido quando ganha raízes (George Washington); fotografia e manipulação digital, impressão jato de tinta s/ Couchê 250g; tiragem 1/3; 42 x 29,5 cm; 2024 (na Rua Marquês de Abrantes, Rio de Janeiro)

Nonim Barros Barreto



Minha casa 1 e Minha casa 2; colagem de papéis reaproveitados e lápis de cor; 23 x 33 cm e 26 x 54 cm respectivamente; 2024

Paulo Marendino



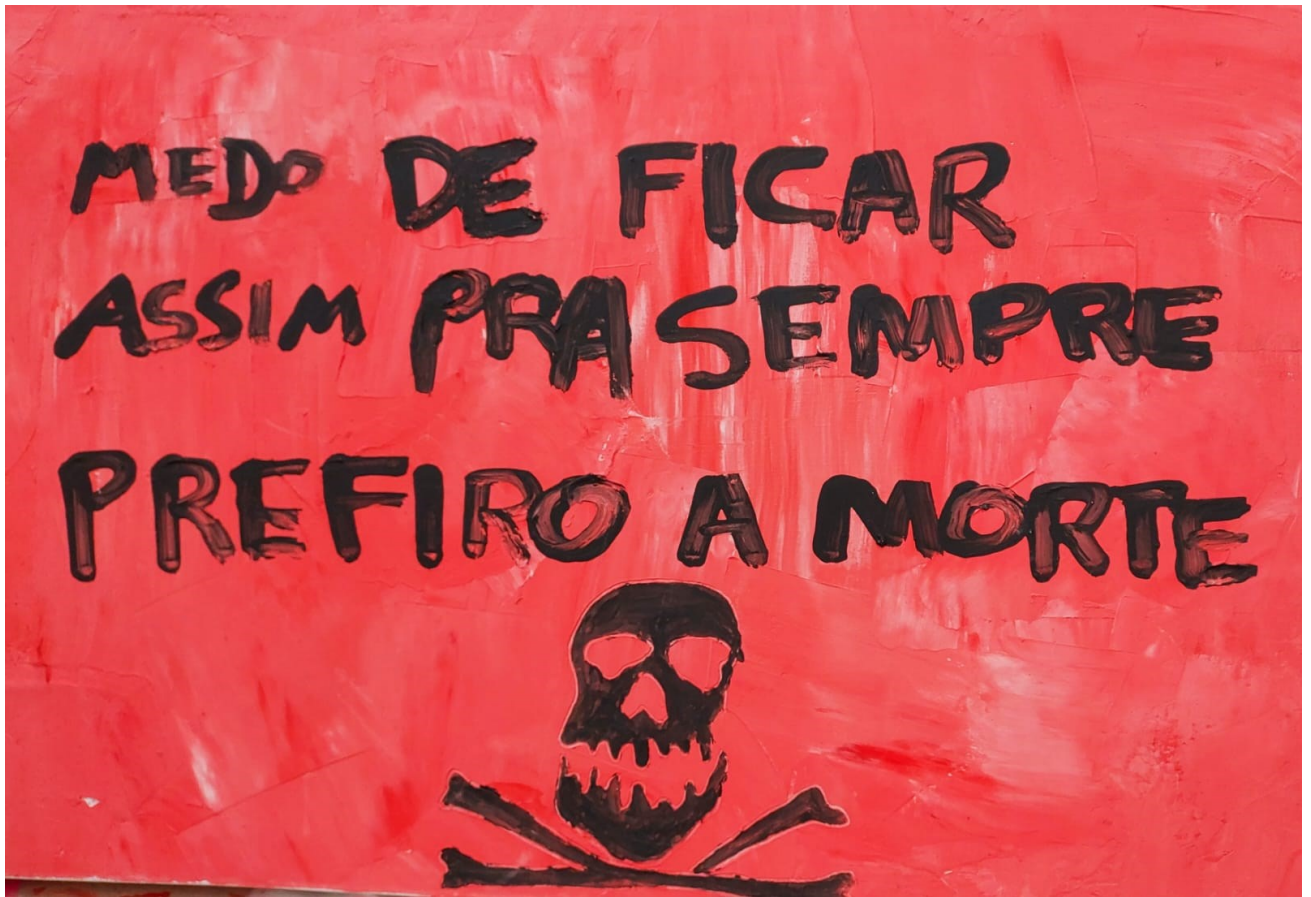
Equilíbrio; acrílica moldada s/ tela; tríptico - 60 x 30 cm e duas 30 x 30 cm (total 60 x 90 cm); 2024.

Paulo Mendes Faria



Sem título; técnica mista s/ tela; 70 x 106 cm; 2019

Pujollll



Medo; acrílica s/ tela; 40 x 60 cm; 2023



Priscilla Ramos



Corpo-casa; acrílica s/ tela; 70 x 90 cm; 2023

Regina Moura



...Ao Sul; monotipia s/ papel Canson; 40 x 30 cm; 2023

Renato Shamá



Rosas brancas e rosas violáceas; óleo s/ tela; 20 x 31 cm; 2020

Rita Claro



Uma arara azul; acrílica s/ tela; 60 x 60 cm; 2022

Roberta Costa



Sulear-se; nanquim, acrílica e aquarela s/ papel Canson; 21 x 29,7 cm; 2023

Roberta Salgado



Parangolé do Amor; poema em objeto, tinta s/ tecido de algodão puro; 150 x 115 cm; 2017

Roberto Keppler



Clip-poema (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g; 45 x 45 cm; tiragem única; 2023

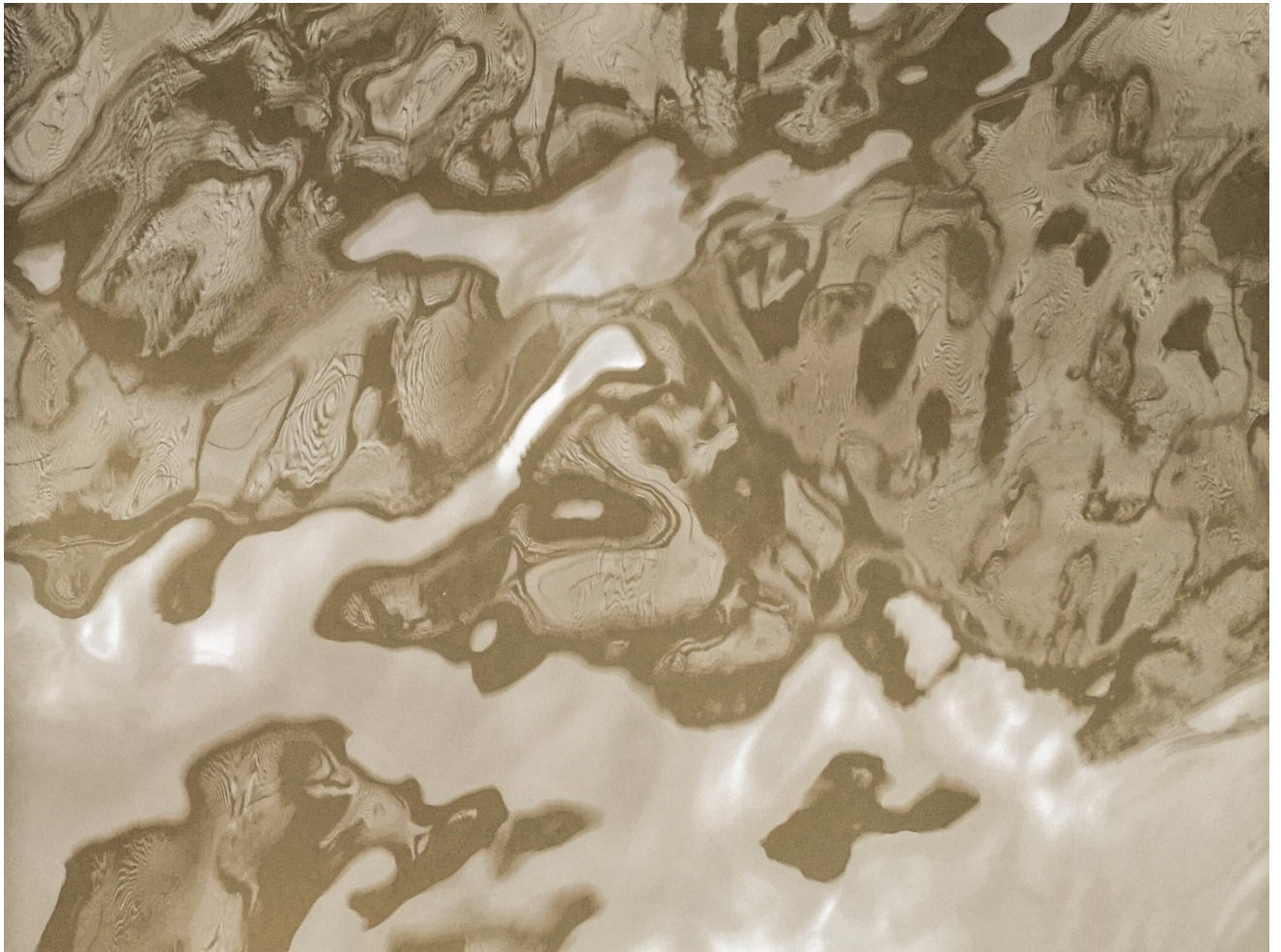
Romário Batista



Animal e paisagem ao fundo; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2023



Rose Aguiar



Águas do Guaíba; fotografia digital, impressão fine art; 40 x 50 cm; tiragem 10; 2018

Rose Belartti



Final de Outono; acrílica s/ tela; 50 x 70 cm; 2004

Rose Nobre



Estrada da Vida; técnica mista; 40 x 60 cm; 2024

Rosiara Cavalcanti



Caminhos da (r)Existência; técnica mista: serigrafia, colagem; imagem 30 x 42 cm, s/ suporte em papel cartão 50 x 61 cm; 2024

Salazar Figueiredo



Propaganda não enganosa; fotomontagem, impressão em canvas; 45 x 30 cm; tiragem 10; 2023 e em PVC 84 x 56 cm; tiragem única

Sandra Gonçalves



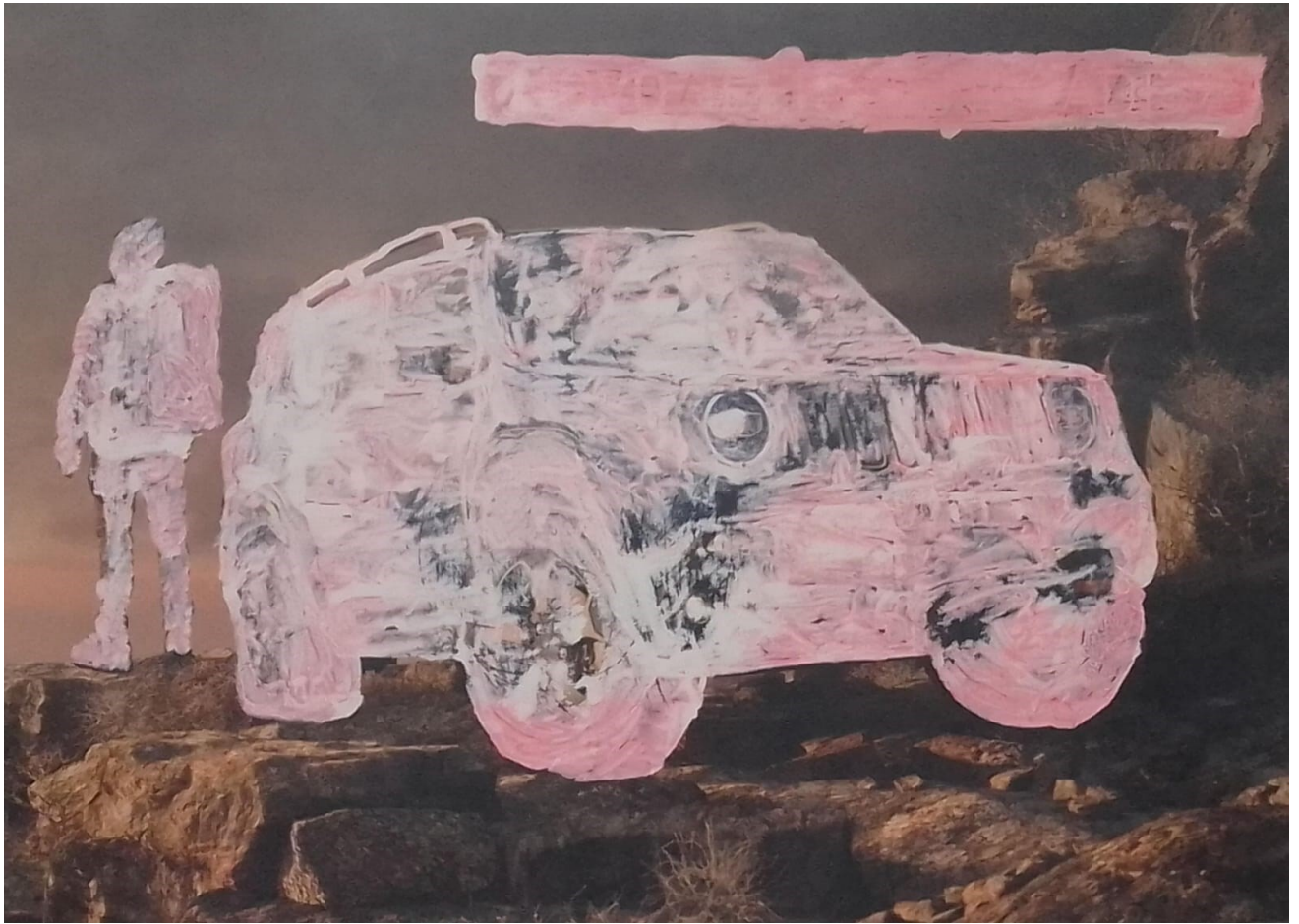
Lugares Inventados; fotografia manipulada digitalmente, impressão jato de tinta s/  
papel Hahnemühle Photo Rag 308 gsm.; 78 x 120 cm; tiragem 3; 2023

Sandra Schechtman



Carnaval da inclusão; acrílica s/ tela; 50 x 60 cm; 2023

Sergio Torres



Ainda dá tempo; técnica mista s/ propaganda de carro; 21 x 30 cm; 2024



Silvana Godoi Câmara



Emergência climática; aquarela e nanquim com bolígrafo gel em Canson 300g/m<sup>2</sup>; 24 x 32 cm; 2024

Laudato Si

"O papa Francisco escreveu uma carta encíclica - A forma como tratamos a Terra, a nossa casa comum, é um reflexo de como tratamos uns aos outros. Cuidar uns dos outros significa cuidar do lar que compartilhamos."

Silvana Nicolli



Vênus: estrela anfitriã n°2; colagem s/ papel Canson: imagens impressas, guache, papel de seda datilografado e frotagem; 29,7 x 43 cm; 2024

Silvio Moréia



Ensaio "Tempos Soditrevni" – Esperança; técnica mista; impressão em lona; tiragem única; 90 x 69 cm; 2021

Silvio Prado

AQUI  
NINGUÉM É PRESO OU  
DEVOLVE VALORES  
AQUI NINGUÉM É PRESO  
OU  
DEVOLVE VALORES  
AQUI  
NINGUÉM  
PRESO  
OU DEVOLVE  
VALORES  
ES

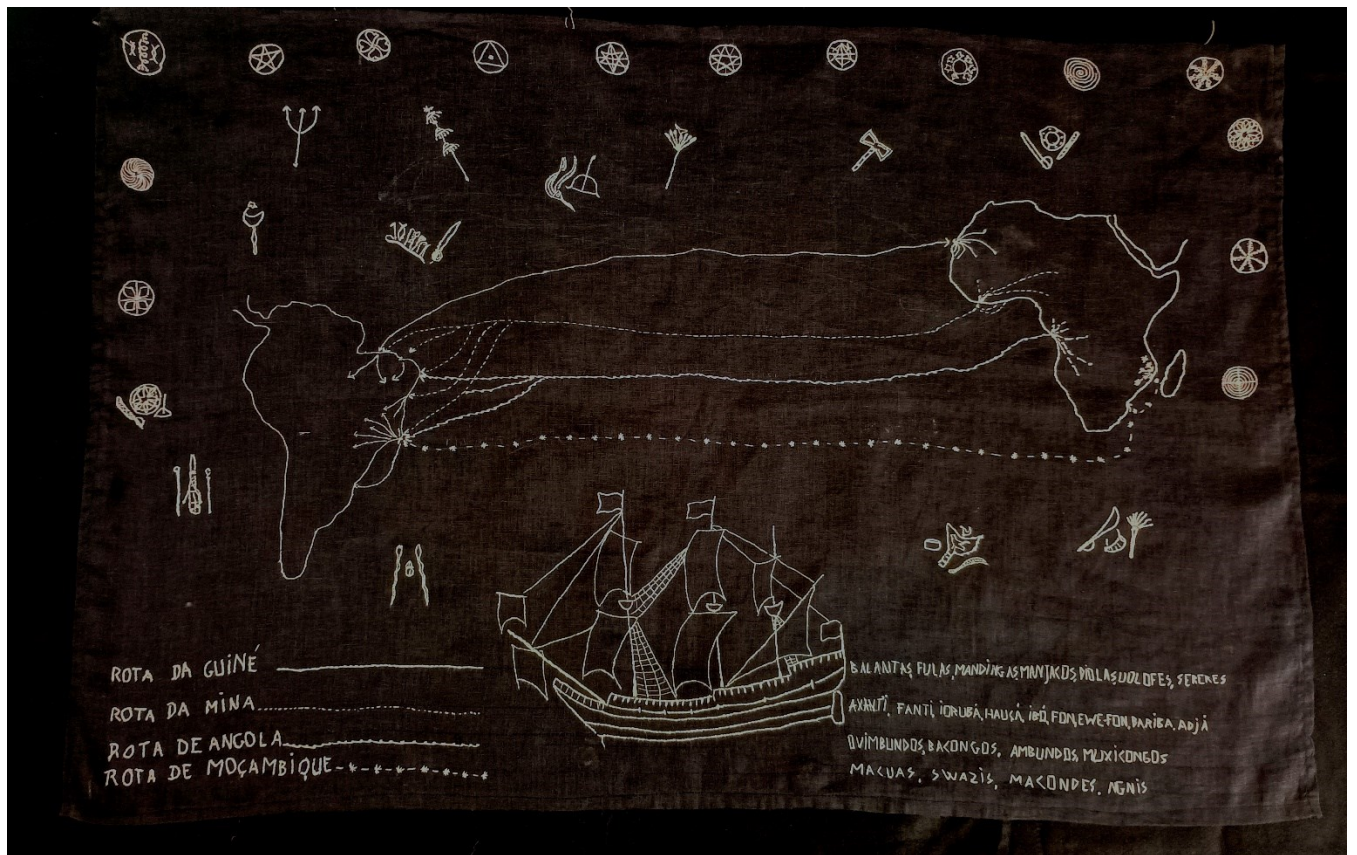
brasil com b minúsculo (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel  
Canson 250g; 30 x 30 cm; tiragem 10; 2017

Sissi Kleuser



Vento Sul; acrílica s/ tela; 75 x 75 cm; (e arte digital; impressão s/ tecido; 50 x 50 cm; tiragem única); 2021

Solange Lisboa



Rotas da escravidão; bordado em linho com linha de algodão; 68 x 98 cm; 2023

Sonia Camacho



Pausa pra amar de um violino solitário; acrílica s/ tela; 70 x 50 cm; 2023

Sonia Xavier



Uma centelha de luz; acrílica s/ chapa de ferro; 80 x 30 cm; 2023

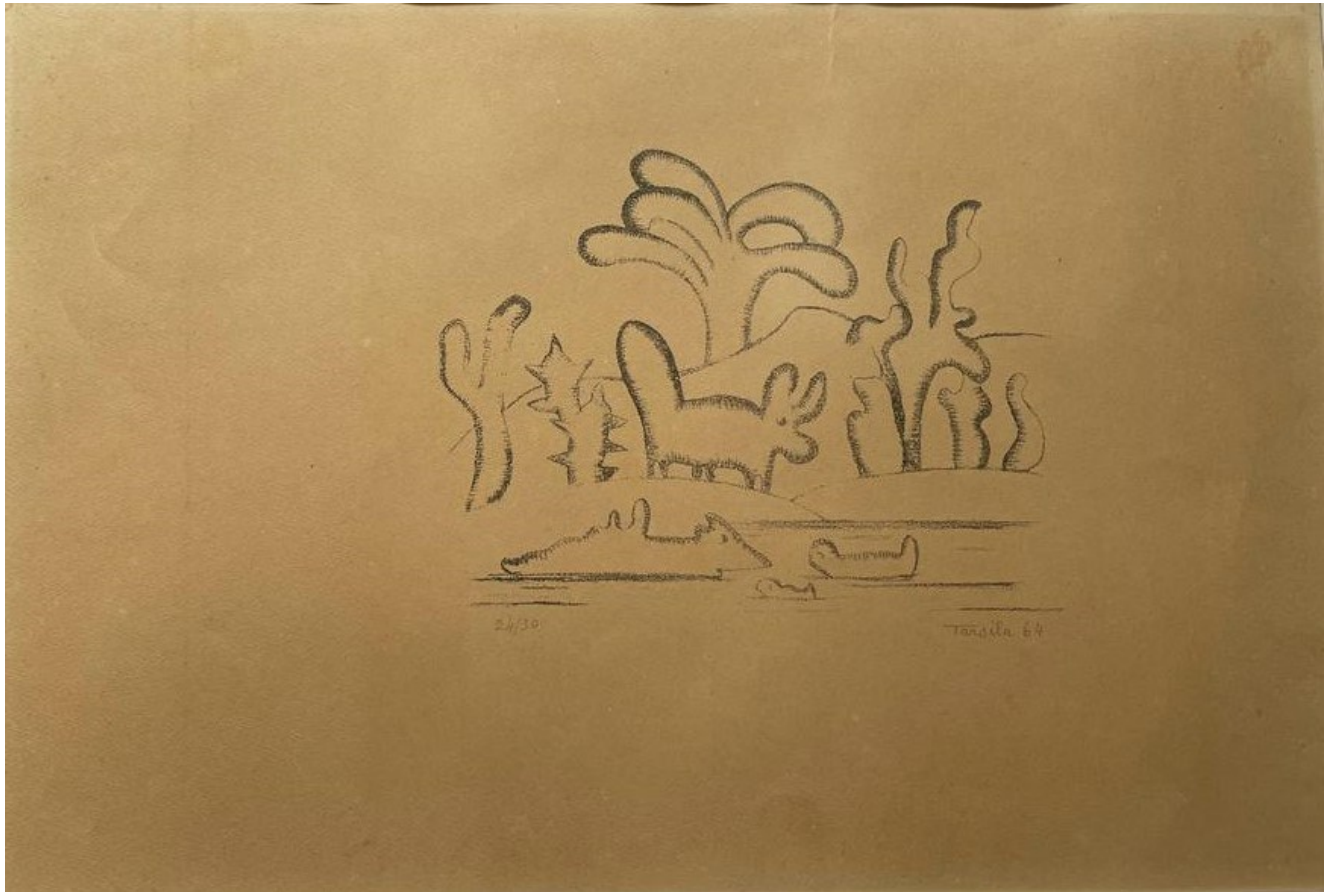


Tânia Torres



Surreal-Queimadas; técnica mista: lona queimada, folhas, acetato, pigmentos naturais; 40 x 40 cm; 2023

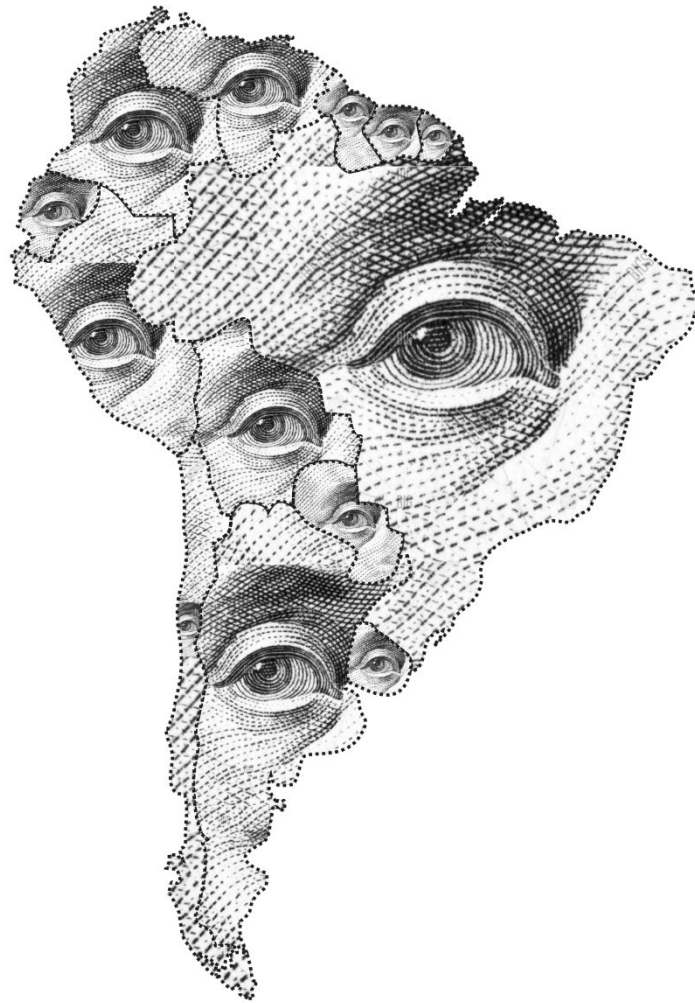
Tarsila do Amaral



Paisagem Antropofágica; litografia; tiragem 24/30; imagem 18 x 23 cm; 1964.  
D'après desenho de 1930, tiragem a pedido de Giuseppe Baccaro.

Reproduzido em: Raisonné Tarsila do Amaral volume III p.142 (registro G003) e em  
Tarsila, sua obra e seu tempo (1975) de Aracy Amaral, volume II p. 147.

Tchello d'Barros



Capital América (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g; tiragem 10; 30 x 30 cm (mancha 20 x 20 cm); 2020

Teresinha Mazzei



Sulear 2024, série diálogo das linhas; infoarte s/ fotografia de Fios de Cabelos, impressão fine art s/ Canvas; 40 x 60 cm; tiragem 1/10; 2023/2024

Tessara



Buscando a Equidade; técnica mista; 50 x 70 cm; 2022

Thairna Patricia Lee



Happiness; óleo s/ linho; 100 x 60 cm; 2023

Theo Gomes



Ave em Formas e Transformações; arte digital, impressão fine art certificada em papel 100% algodão Hahnemühle William Turner 310gsm, padrão museológico; 40 x 50 cm; tiragem 50; 2023

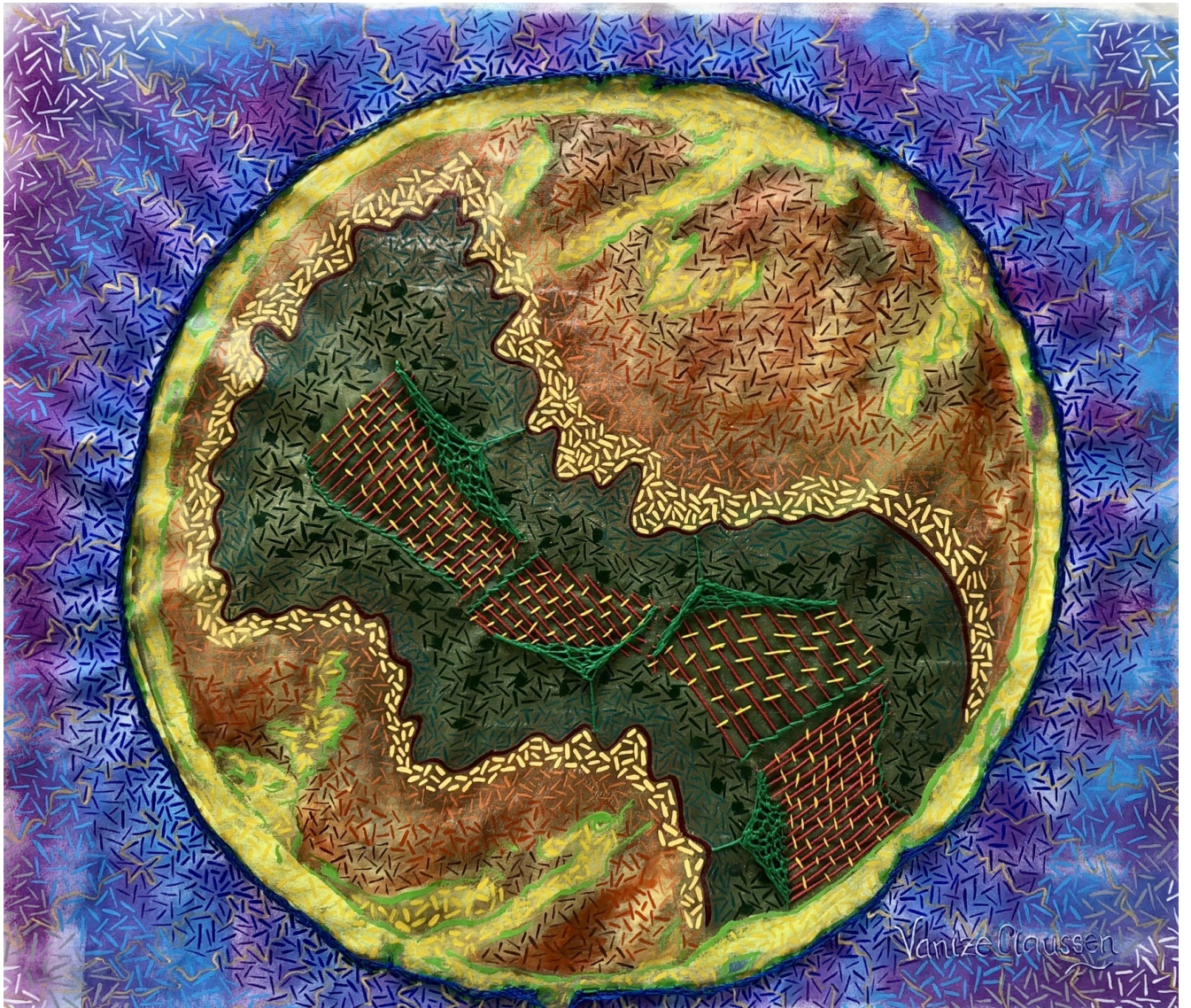
Vanessa David Justo



Carpegiebe; técnica mista s/ tela; 70 x 100 cm; 2022

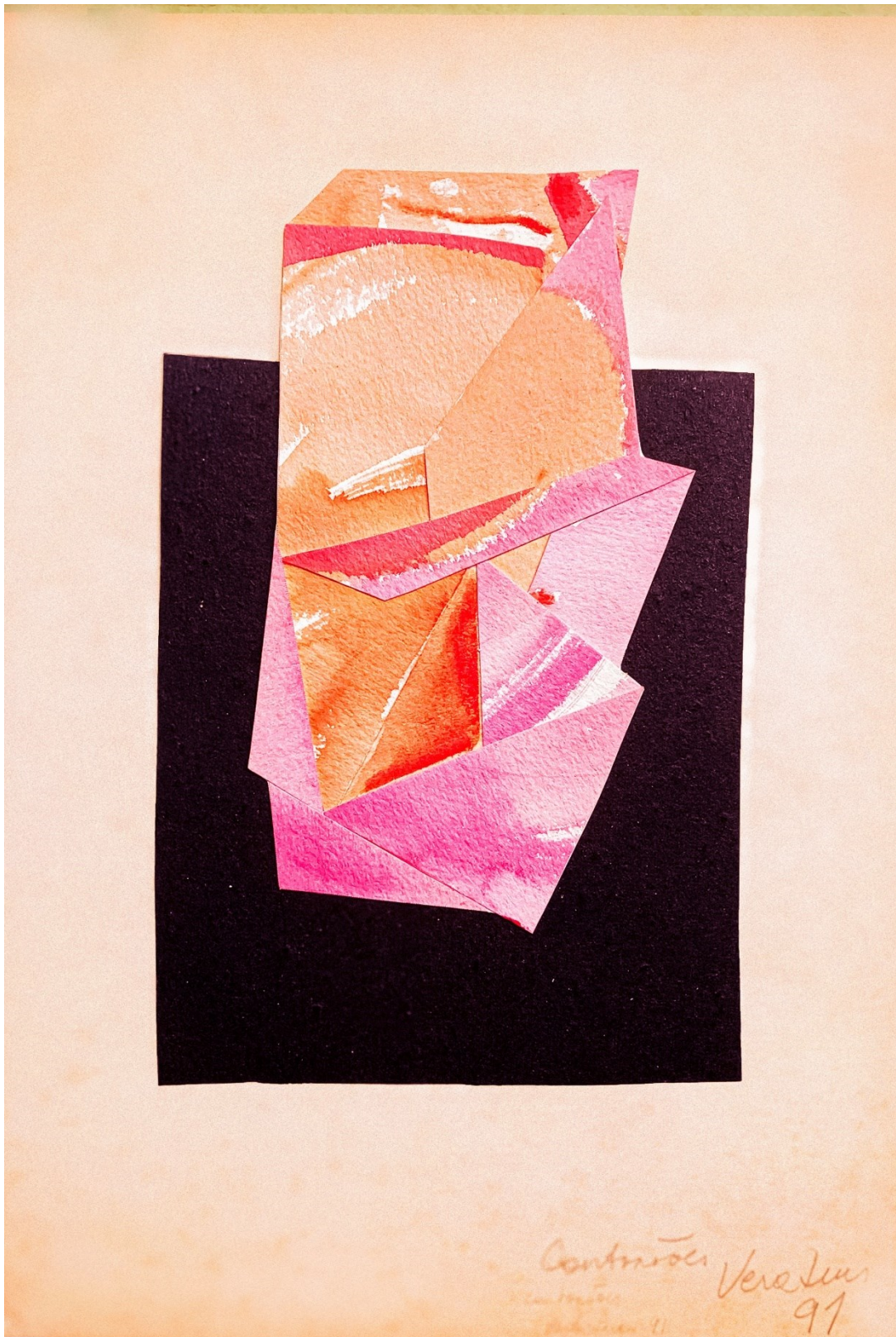


Vanize Claussen



Planeta Sul; acrílica e tecelagem s/ tela; 80 x 68 cm; 2024

Vera Lins



Contorsões; recortes de aquarela s/ papel Arches colados s/ cartão; 32,5 x 22,5 cm suporte, colagem 21,5 x 14 cm; 1991

Victor Pereira



Nossas Eríneas; desenho com giz de cera, lápis dermatográfico s/ papel Kraft; 76 x 56 cm; 2024

As Eríneas na mitologia grega eram deusas da vingança contra os crimes humanos, especialmente contra os crimes contra a própria origem (parricídio, matricídio). Por isso, associei-as às desordens da natureza que estamos enfrentando cada vez mais pelos crimes contra a Mãe Terra. No desenho, uma das vingadoras, transformadas numa espécie de serpente, se volta para agravar os crimes contra as florestas e a outra contra os espaços urbanos de convívio humano. Os efeitos nefastos em ambos os espaços se ligam, como sabemos.

Vilma Lima



Americart Sulear; aplicação de tecido, bordado e acrílica s/ feltro; 57 x 57 cm; 2023

Vitoria Sztejnman



Série diálogos; bronze polido; tiragem 10; 27 x 23 x 23 cm; 2019 e O abraço; instalação inflável; 200 x 300 cm;

Washington Assis



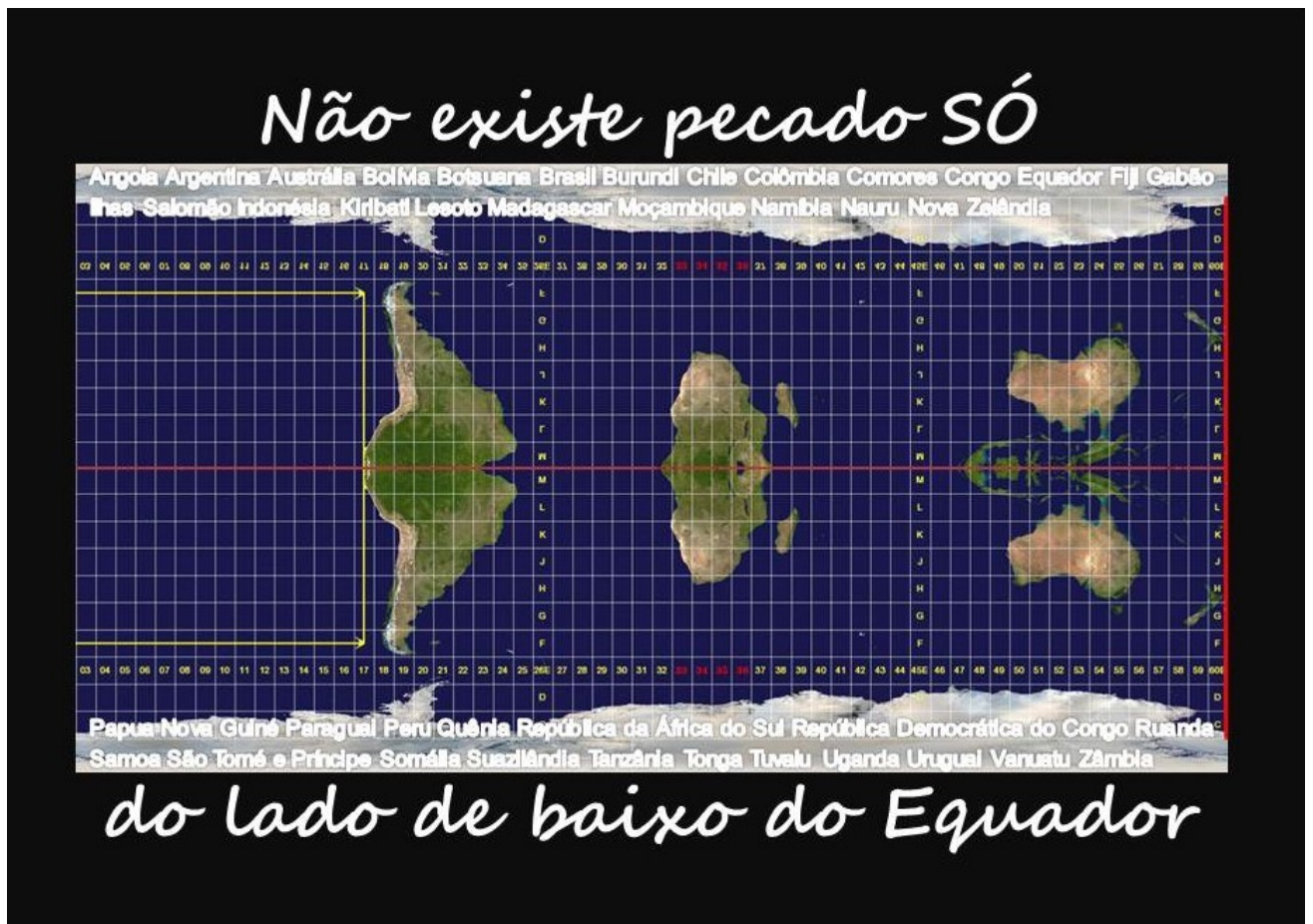
Liberdade (poema visual); infogravura, impressão laser P&B s/ papel Canson 250g;  
20 x 35 cm; tiragem 10; 2018

Zacarias Gama



Povos originários: os donos das terras; fotografia, impressão s/ PVC; 40 x 71 cm; 2023

Zaba



Não existe pecado SÓ do lado de baixo do Equador; arte digital s/ lona; tiragem única; 70 x 100 cm; (e impressão fine art, 42 x 60 cm; tiragem 10); 2023



Zé Mario Passos



Frida; acrílica s/ tela; 100 x 100 cm; 2023; e print canvas impressão fine art com intervenção do artista com tinta dourada, 42 x 42 cm com moldura

